

www.miscente.com.br

Ano XXVIII • Nº 171
Tishri / Cheshvan 5781 • Set / Out 20

MISCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

SHANÁ TOVÁ 5781!



SINAGOGAS DA ESLOVÁQUIA



O Grupo Rendimento deseja a todos
muita paz, harmonia e prosperidade.



Feliz 5781



www.agillitas.com.br | www.rendimento.com.br | www.cotacao.com.br

Ouvidoria do Grupo Rendimento - ouvidoria@rendimento.com.br | 0800 722 0132 (das 9h às 18h, dias úteis).

Nosso mestre, o Sar Hatorá Rav Chaim Kanievsky shelita,

em sua carta histórica:



ד'ט"ז שבט תשס"ה
המונחים סך שנה ש"ה למגדיות ימים נופלים לקלות
בדיר יצאו קצתהו קלני הדצטס השנה ימים
שנה טובה ומטובה כי לוי זכות
עצמה ימים נופלים לקלות קדין
תיים תשס"ה

Aqueles que doarem 355 shekels (\$99,00) para a Campanha de Yamim Noraim da Kupat Ha'ir serão merecedores de 355 dias doces.

Chaim Kanievsky.



0800-891-6701

Contribua online: www.kupat.org



Doações também podem ser enviadas por intermédio dos representantes da Kupat Ha'ir no Brasil.



Nº 171

Capa:

Kidush e Costumes das Refeições nas Noites de Rosh Hashaná. Comemorando I, pág. 08.

Nesta Edição

Expediente

A revista *Nascente* é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE



26

Sinagogas
"Sinagogas da Eslováquia".



21

Educação
"A Idade da Amamentação".
R. I. Dichi



56

De Criança Para Criança
"Orgulhoso".



40

Variedades II
"Um Instante em Yom Kipur".
Chayim Walder

38

Guimatriyá
"Yom Kipur".
Vita Gomei z"

49

Passatempos
"Pega Palavras, Jogo dos 7 Erros e Cena Maluca".

44

Pensando Bem II
"Pensamentos".

30

Visão Judaica II
"Uma Vida Feliz".
R. Eliyáhu E. Desler

18

Comemorando II
"Caí Nidrê".
R. Issocher Frand



33

Era Uma Vez
"Três Minutos".



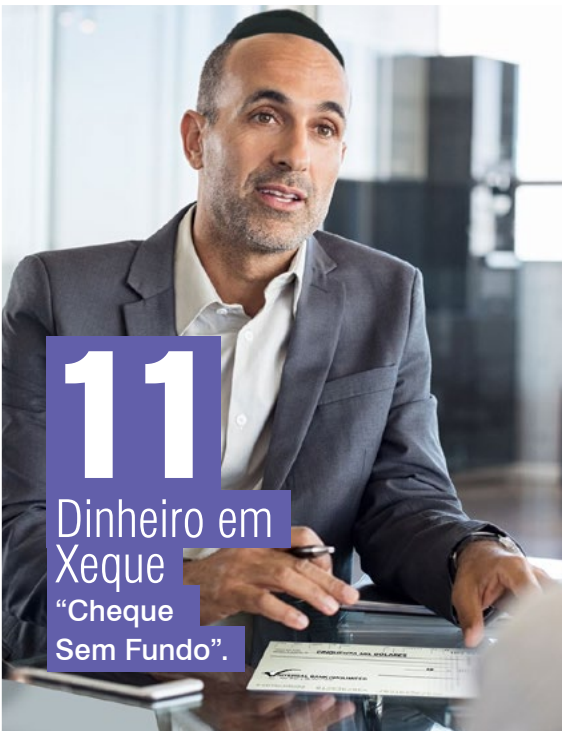
24

Comemorando III
"Dez Dicas".
R. Daniel Faour



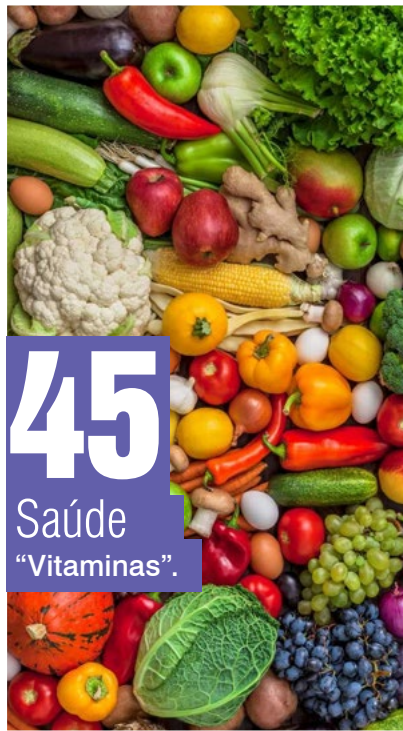
48

Truques e
Dicas
"Cheiros".



11

Dinheiro em
Xeque
"Cheque
Sem Fundo".



45

Saúde
"Vitaminas".



37

Variedades I
"Filhinho!..."

08

Comemorando I
"O Kidush e os
costumes das
refeições das duas
noites de Rosh
Hashaná em hebraico,
com tradução e
transliteração".

10

Congregação
"Shalom
Uvrachá".

35

Leis e
Costumes
"Pat Habaá
Bekisnin".
R. I. Dichi

52

Datas e Dados
"Datas e horários
judaicos,
parashiyot e
haftarat para os
meses de Tishri e
Cheshvan".

13

Visão
Judaica I
"Não Guardar
Ressentimento".
R. I. Dichi

16

Quem Sabe
Responde
"Um Desafio à
Sua Sabedoria".

15

Pensando
Bem I
"Gravando!".

O homem pode fazer o bem ou o mal. Esta afirmação é a base do judaísmo, é o livre arbítrio.

Em cada situação, pode-se escolher uma de várias opções. Deve-se procurar, com imparcialidade, a mais apropriada, segundo a vontade Suprema, controlando a tendência natural para o caminho oposto.

Um conceito análogo a este, que sempre existe uma boa opção e outra não tão boa, é o que se refere à utilização deste nosso mundo material. No mundo, todas as coisas materiais podem ser bem ou mal utilizadas. A função do homem neste contexto é bem usar as matérias, conforme o anseio de D'us. Com isso, eleva cada objeto a um nível superior, espiritual. Isto é o que torna o mundo material e o espiritual interligados e mutuamente dependentes.

O exemplo mais óbvio desta proposição é o dinheiro. A riqueza é encarada pelo judaísmo como um grande teste Divino aplicado ao ser humano, maior do que a pobreza.

Quando se confecciona um *tefilin* ou uma *mezuzá*, eleva-se o couro do animal. Mesmo quando é utilizado como um casaco, facilitando as boas ações do proprietário, esta matéria atinge seu status nobre. Entretanto, o couro também pode ser utilizado como o açoite do opressor. O utensílio de couro pode guardar o antídoto ou o veneno.

Este conceito é muito amplo e deve acompanhar nossas atitudes diárias. Não existem objetos bons e outros maus, úteis ou inúteis. Cada coisa no mundo tem a sua função construtiva. As drogas podem curar doentes ou adoecer são. A mesma faca que cura, mata.

Duas vezes o Rei David inquiriu D'us do motivo para haver coisas desnecessárias. Questionou o propósito de uma criatura tão “inútil” quanto uma aranha e também a justificativa para existir a loucura. Futuramente, em duas oportunidades, o Rei David escapou da morte graças a estas “invenções” de D'us. Estes acontecimentos relatados nos textos sagrados servem claramente como lição de que todas as criações podem servir para o bem.

Sem dúvida, as descobertas dos últimos tempos também se enquadram neste contexto. A teoria atômica, desenvolvida para o bem do homem, causou uma imensa catástrofe e continua sendo motivo de preocupação de todos os governos do planeta.

A imprensa, o telefone, o raio laser, o computador, provaram o magnífico talento humano para encontrar soluções que auxiliassem o homem em todos os campos de atuação. Mas também, não faltam indivíduos que fazem, diariamente, mau uso deles.

A existência desta opção negativa na utilização da matéria é um fator em benefício do homem. Caso não existisse esta segunda opção, a imprópria, qual seria o mérito de o homem escolher a positiva?

Procurar o bom uso das realidades da Criação com a consciência de que tudo o que foi criado encerra vários proveitos. É isso que ensina a última passagem da “Ética dos Pais”: “*Col má shebará Hacadosh Baruch Hu...*” – “Tudo o que D'us criou no mundo, criou-o para Sua glória, conforme consta (Yeshayá 43): ‘Tudo o que leva o Meu Nome e a Minha glória, criei-o, formei-o e organizei-o.’” ■



Que possamos, juntos,
atravessar estes momentos
difíceis e entrar no novo ano
com saúde, prosperidade
e alegrias.

Feliz 5781!

Shaná Tová Umetucá!



Banco Safra

Costumes das Refeições nas Noites de Rosh Hashaná

Após o Kidush, nas noites de Rosh Hashaná, costuma-se comer alimentos que, pelos seus nomes, parecem ser um bom sinal para o ano que se inicia. Cada um deve fazer conforme o costume de sua casa. Para não incorrer no erro da superstição, nossos sábios instituíram sobre estes alimentos pedidos que invocam o perdão e o arrependimento.

Após recitar o Kidush, bebe-se o vinho sentado (no mínimo 45ml). Em seguida faz-se Netilat Yadayim

(lava-se as mãos com uma caneca, vertendo água três vezes em cada mão) e antes de enxugá-las faz-se a berachá:

Baruch Atá Ad*nai El*hênu Mêlech
haolam asher kideshánu bemitsvotav
vetsivánu al netilat yadaim.

ברוך אתה ה' אלהינו מלך העולם אשר
קדשנו במצותיו וצונו על נטילת ידים:

Bendito és Tu, Eterno, nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com Seus mandamentos e nos ordenou sobre o lavar das mãos.

Segura-se os dois pães e recita-se:

Baruch Atá Ad*nai El*hênu Mêlech
haolam hamotsi lêchem min haárets.

ברוך אתה ה' אלהינו מלך העולם
המוציא לחם מן הארץ:

Bendito és Tu, Eterno, nosso D'us, Rei do Universo, Que criou o pão da terra.

Apesar de a bênção de *Hamotsi* já ter sido recitada sobre o pão, deve-se dizer a bênção apropriada para os frutos da árvore antes de comer o primeiro deles. Com relação aos frutos da terra, é correto comê-los com um pedaço de pão, sem fazer a *berachá*.

A ordem das comidas a serem ingeridas antes da refeição propriamente dita, segundo recomendação do Ben Ish Chay (costume *sefaradi*), é a seguinte: tâmara, feijão-de-corda, alho-poró, acelga, abóbora, romã, maçã e cabeça de carneiro. O procedimento é o seguinte (para *sefaradim*):

Após recitar a berachá de Hamotsi e comer um pedaço de pão, faz-se a bênção de Borê Peri Haêts antes de comer uma fruta da árvore, como por exemplo, uma tâmara:

Baruch Atá Ad*nai El*hênu Mêlech
haolam borê peri haêts.

ברוך אתה ה' אלהינו מלך העולם
בורא פרי העץ:

Bendito és Tu, *Hashem*, nosso D'us, Rei do Universo, Que criou o fruto da árvore.

Come-se a tâmara.

Pega-se, em seguida, uma segunda tâmara e antes de ingeri-la se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyitámu oyevênu
vessoneênu vechol mevacshê raatênu.

יהי רצון מלפניך ה' אלהינו ואלהי
אבותינו. שיתמו אויבינו ושוונאינו וכל
מבקשי רעתנו:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso D'us e D'us de nossos pais, que sejam exterminados os nossos inimigos, aqueles que nos odeiam e todos aqueles que querem o nosso mal.

Isto porque *tamar* (tâmara) lembra o *shôresh* (radical) "*tám*" (exterminar).

Pega-se um pouco de feijão de corda (e um pedaço de pão) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyirbu zachiyotênu
utlabevênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂיִרְבוּ זְכוּתֵינוּ וְחֻלְבָּנוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que as nossas
virtudes e os nossos méritos auumentem.

Isto porque *rubia* (feijão de corda) lembra o *shôresh* (radical) “*ravá*” (aumentar).

Pega-se a omelete de alho-poró (e um pedaço de pão) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyicaretu oyevenênu
vessoneênu vechol mevacshê raatênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂיִכָּרְתוּ אוֹיְבֵינוּ וְשׁוֹנְאֵינוּ וְכָל
מְבַקְשֵׁי רַעֲתָנוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejam
eliminados os nossos inimigos, aqueles
que nos odeiam e todos aqueles que
querem o nosso mal.

Isto porque *carti* (alho-poró) lembra o *shôresh* (radical) “*carat*” (eliminar).

Pega-se (um pedaço de pão e) a omelete de acelga (bem verificada de vermes) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shelistalecu oyevenênu
vessoneênu vechol mevacshê raatênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂיִסְתַּלְקוּ אוֹיְבֵינוּ וְשׁוֹנְאֵינוּ
וְכָל מְבַקְשֵׁי רַעֲתָנוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejam
afastados os nossos inimigos, aqueles
que nos odeiam e todos aqueles que que-
rem o nosso mal.

Isto porque *silcá* (acelga) lembra o *shôresh* (radical) “*silec*” (afastar).

Pega-se o doce de abóbora (e um pedaço de pão) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheticrá roa guezar
dinênu, veyicareú lefanêcha zachiyotênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂתִקְרַע רֹעַ גֵּזֶר דִּינֵנוּ. וְיִקְרָאוּ
לְפָנֶיךָ זְכוּתֵינוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que se anu-
lem todos os maus decretos decididos
para nós e que sejam lidos nossos méri-
tos perante o Senhor.

Isto porque *cara* (abóbora) lembra o *shôresh* (radical) “*cará*” (anular).

Pega-se a romã e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shenihyê meleim mitsvot
carimon.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂנִהֶיָה מִצְוֹת כְּרִימוֹן:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejamos
abençoados de *mitsvot* da mesma forma
que a romã é repleta de grãos.

Pega-se a maçã embebida no mel ou açúcar e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shetichadesh alênu
shaná tová umtucá.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂתִחַדְדֵשׁ עֲלֵינוּ שְׁנָה טוֹבָה
וּמְתוֹקָה:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que tenha-
mos um ano bom e doce.

Pega-se a cabeça de cordeiro (ou na falta, de peixe ou frango) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shenihyê lerosh velô
lezanav, vetizcor lánu (akedatô ve) elô
shel Yitschac Avinu alav hashalom, ben
Avraham Avinu alav hashalom.

יְהִי רָצוֹן מִלְפָּנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂנִהֶיָה לְרֹאשׁ וְלֹא לְזָנָב:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejamos
colocados na cabeça e não na cauda
(lembrar do cordeiro sacrificado no lugar
de Yitschac).

Já os ashkenazim têm o costume de consumir as seguintes comidas: *tapúach* (maçã), *guêzer* (cenoura), *rimon* (romã), *dag* (peixe) e *rosh dag* (cabeça de peixe). E há aqueles que viveram em *Êrets Yisrael* que têm o costume de usar também *carti* (alho-poró), *silcá* (acelga), *tamar* (tâmara) e *cara* (abóbora) conforme o *sêder* impresso no *sidur* Minchat Yerushalayim.

Obs.: Nos textos transliterados, onde houver asterisco, substituir pela letra “o”.

Shalom Uvrachá

Ficamos praticamente 120 dias fora da sinagoga. Esperamos que todos, com suas famílias, estejam bem em suas casas, com suas tefilot, estudos e trabalho. Em todos os minyanim da sinagoga existiam as cupot de tsedacá que eram abastecidas durante as tefilot, fazendo com que tivéssemos o costume de dar tsedacá constantemente. O uso desse dinheiro era destinado a ajudar muitos assistidos e contribuir com alguns projetos. Durante esse período ficamos sem esta entrada, comprometendo de certo modo o auxílio aos assistidos e aos projetos. Mesmo hoje, com vários minyanim ativos, tentamos evitar circulação nas sinagogas e aglomerações, diminuindo muito estes donativos. Caso você tenha a sua tsedacá em casa e queira reverter a seu minyan, fizemos cupot (latinhas) de tsedacá, que estão sendo distribuídas, para que todos tenham como continuar fazendo essa nobre e costumeira mitsvá. Conforme a foto ao lado, foi designado um local específico no hall do prédio antigo, onde podem-se trocar as latinhas de tsedacá cheias por outras vazias.

Para maiores esclarecimentos, os seguintes gabayim estão à disposição:

Sr. Ezra Harari, telefone: 94140-7855

Sr. Carly Khafif, telefone: 98457-0833

Tizcu lemitsvot!

A diretoria





Cheque Sem Fundo

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Efráyim era um homem muito inteligente e esperto. Um dos seus trabalhos era o de angariar fundos para a construção de um novo hospital na sua cidade. Há muito tempo ele insistia com Reuven, que era um grande milionário, para que doasse uma generosa quantia para este projeto – porém sem sucesso.

Num belo dia, Reuven disse que concordaria em fazer uma doação para o projeto da construção do hospital. Efráyim foi visitar Reuven e, com um sorriso, o rico colocou U\$1.000 diante de Efráyim.

Mas Efráyim se recusou a tocar no dinheiro, dizendo: “Isso é muito pouco! Por favor, acrescente muito mais!”.

Reuven consentiu, dizendo que daria U\$2.000; porém Efráyim continuou afirmando que era pouco.

Reuven ofereceu ainda mais: U\$3.000... U\$4.000!

Mas o insistente Efráyim continuava ali, parado com teimosia, exigindo mais e mais.

Finalmente, Reuven cedeu à pressão e disse: “Ok, você venceu! Consegui derreter meu coração! Ofereço-lhe esta belíssima doação de

U\$50.000!”.

Efráyim pegou o cheque contente e despediu-se do benemérito.

No dia seguinte, assim que o banco abriu, Efráyim foi descontar o cheque. Ele aguardou na fila e entregou-o ao caixa. Após uma breve consulta na tela do computador, o funcionário explicou-lhe que, infelizmente, não poderia pagar o cheque, pois a conta não tinha fundos suficientes para aquela quantia.

O teimoso Efráyim não se deu por vencido. Ele teve uma brilhante ideia. Com muita astúcia, conseguiu verificar que o saldo na conta de Efráyim era de U\$40.000. Imediatamente procurou um amigo, pedindo que lhe emprestasse U\$10.000 por apenas algumas horas. O amigo concordou. Efráyim retornou ao banco e depositou o dinheiro na conta de Reuven, que ficou com um saldo de U\$50.000.

Após uma hora ele regressou novamente ao banco, descontou o cheque e saiu de lá saltitante, carregando em sua valise a enorme quantia de U\$50.000.

Imediatamente ele devolveu os U\$10.000 que emprestara de seu amigo e voltou para casa com U\$40.000.

No dia seguinte, quando Reuven soube do ocorrido, ligou para Efráyim dizendo aos berros: “Já que você não parava de pressionar, e eu não conseguia me livrar de você, resolvi agir dessa forma, fazendo um cheque de uma quantia superior à que eu tenho em minha conta corrente. Eu tinha certeza que não pagariam o cheque no banco! Foi minha única alternativa para livrar-me de você! Portanto, devolva-me já os U\$40.000 que você roubou de mim! Nunca passou pela minha cabeça dar uma quantia dessas para você!”.

Efráyim, por sua vez, disse que não devolveria o dinheiro, pois não fizera nada de errado. Afirmou que ele tinha todo o direito de descontar o cheque que foi-lhe apresentado da forma como bem entendesse. “Agora”, concluiu Efráyim, “não adianta gritar. Todo o dinheiro pertence ao novo hospital”.

Com quem está a razão?

O veredito

O *Rav* Zilberstein disse que Efráyim precisa devolver os U\$50.000 para Reuven.

No *Shulchan Aruch* (livro das leis judaicas) consta que um presente que foi dado por alguém à força, ou seja, que lhe obrigaram a dar, não é considerado um presente. Isso não se refere apenas a quando o indivíduo foi coagido ou torturado. O simples fato de que uma pessoa deu algo que não queria dar, demonstra que o fez por algum motivo alheio à sua vontade, sem ter sido uma oferta “de coração”. E no livro *Shulchan Aruch Harav* consta que quando o “perdão” ou um “presente” não são dados de coração, é como se não tivessem sido dados.

Sobre isso, a *Guemará*, no Tratado de *Ketubot* (78b), traz o seguinte caso:

“Uma viúva estava se casando novamente e quis evitar que seu novo marido viesse a se apossar de suas terras. Sendo assim, ela fez uma escritura doando as terras de presente para sua filha, com a mera intenção de proteger seu patrimônio. Somente após o donativo a viúva se casou. Aconteceu que, após algum tempo, ela se separou de seu novo marido. Quando ela foi pedir de volta as terras e a escritura dadas à sua filha, esta se negou, afirmando que, segundo a escritura, as terras agora eram dela.

“A viúva, agora também separada, levou o caso ao conceituado *Rav* Nachman, solicitando que ele cobrasse suas terras que ela deixara com sua filha. A filha, por sua vez, compareceu afirmando que ela era a proprietária legal das terras, e mostrou a escritura que sua mãe lhe havia dado.

“*Rav* Nachman inteirou-se de todos os detalhes do ocorrido, pegou a escritura e rasgou-a. Ele afirmou que a escritura não valia nada, pois a mãe não dera as terras para a filha “de todo coração”, mas sim para protegê-las de seu novo marido.”

De todos esses livros citados, constatamos que a lei é a mesma no nosso caso. Certamente Reuven não tinha a intenção de ser tão generoso em sua doação. Sabemos disso porque no princípio ele começou oferecendo U\$1.000. Depois, aumentou para U\$2.000, U\$3.000 e U\$4.000. Repentinamente, extrapolou a oferta para U\$50.000. O caso assemelha-se com o da *Guemará*, onde está claro que a mãe não quis dar realmente as terras para a filha – e portanto elas continuaram pertencendo à mãe.

Portanto, o cheque que Reuven entregou para Efráyim tem o mesmo valor da escritura entregue pela viúva a sua filha – e deve ser rasgado!

Do semanário “Guefilte-mail”
(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagoon Yitschac Zilberstein Shelita
Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulchan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

Não Guardar Ressentimento

Yossef denominou seu filho primogênito de “Menashê”.
A Torá nos diz por que lhe deu este nome (Bereshit 41:51):
“Ki nasháni Elokim et col amali veet col bêt avi –
Pois D’us fez-me esquecer todas as minhas penas
e toda a casa de meu pai”.

Rabino I. Dichi

Cabe-nos perguntar o seguinte sobre esta passagem: Estaria correto Yossef dar nome ao seu filho, levando em consideração seu esquecimento da casa de seu pai e ainda agradecer ao Eterno por este fato?

Foi nesta casa que Yossef recebeu a preciosa educação do patriarca Yaacov, com o qual estudou parte das *mishnayot*, conforme a explicação da passagem: “*Ki ben zecunim hu lô*” – Yossef era filho da velhice de Yaacov. A palavra *zecunim* é formada pelas letras *záyin, cuf, nun, yod, e mem*, que são as iniciais das palavras *Zeraim, Codashim, Nashim, Yeshuot e Moed*, nomes de cinco dos seis volumes das *mishnayot*.

Porém, esta passagem, que relata o esquecimento de Yossef da casa de seu pai, tem outro sentido, conforme nos explica o rabino Bentsiyon

Bruck *zt”l* em seu livro *Heguyonê Mussar*. A explicação é a seguinte:

É evidente que o sofrimento de Yossef por estar distante da casa de seu pai era incalculável. Yaacov lhe transmitiu todos os estudos que adquiriu no *Bêth Midrash* de Shem e Êver e amava Yossef imensamente. Além de estar longe da casa de seu pai, Yossef sofreu por ter sido vendido por três vezes e chegou até a ser preso sem justa causa.

Yossef poderia achar que seus irmãos fossem os culpados por todos os sofrimentos por que passou. Ele podia pensar que, estar distante de seu pai e do aconchego da família, a falta de estudo da *Torá* em companhia de Yaacov e sua prisão, fossem apenas conseqüências de seus irmãos terem-no vendido como escravo. Entretanto, Yossef não guardou nenhum sinal de rancor e agradeceu ao Todo-Poderoso por ter-lhe dado a oportunidade de completar-se em suas virtudes, não guar-

dando mágoa dos irmãos e esquecendo completamente o que lhe fizeram. Por isso, chamou seu filho primogênito de “Menashê”, derivado da palavra *nashá-ni* – ressentimento.

Quando os irmãos de Yossef foram ao Egito e Yossef os reconheceu, consta na *Torá* (*Bereshit* 42:9): “*Vayiz-cor Yossef et hachalomot asher chalam* – E lembrou Yossef os sonhos que sonhou”. O Gaon de Vilna *zt”l* nos diz que percebemos aqui que Yossef não lembrou em nenhum instante o que lhe fizeram (que foi jogado no poço e vendido). Ou seja, que Yossef não guardou nenhum ressentimento de seus irmãos.

Este comportamento de Yossef nos ensina uma grande lição. Mesmo que as circunstâncias e os motivos sejam justos para que guardemos mágoa das outras pessoas e para que sejamos mais rígidos para com elas, devemos controlar nossos corações. Mesmo que nos pareça que alguém causou nosso sofrimento ou nosso insucesso profissional, não é apropriado guardar rancor.

Apesar de que a natureza das pessoas é guardar rancor nestas situações, devemos nos controlar, pois isto levaria ao ódio.

Yossef *Hatsadic* deve nos servir de exemplo. Apesar de todo o sofrimento que passou, não guardou mágoa e ressentimento. Ele conseguiu purificar seu

coração de todos estes males.

O *Talmud Guitin* (58) relata que *Rabi Yehoshua ben Chananyá* foi a uma grande cidade em Roma e lhes disseram que lá estava preso um menino de linda fisionomia, bonitos olhos e cabelos cacheados. *Rabi Yehoshua* foi até a prisão vê-lo e perguntou-lhe (*Yesha’yáhu* 42:24): “*Mi natan limshisá Yaacov Veyisrael levozezim* – Quem expôs Yaacov e Yisrael ao insulto e ao desprezo?” E o menino respondeu: “*Halô Hashem zu chatánu lô* – foi D’us porque pecamos a ele”. *Rabi Yehoshua* reagiu dizendo ter certeza de que este jovem seria um líder espiritual no futuro, e recebeu sobre si a tarefa de não sair da cidade até resgatar o menino por qualquer valor.

Muitos de nossos sábios perguntam se somente porque o garoto tinha lindos olhos e boa aparência merecia ser resgatado da prisão. Por outro lado, se ele merecia ser resgatado somente porque *Rabi Yehoshua* sentiu que seria um futuro líder espiritual, por que havia então a necessidade de o *Talmud* descrever seu aspecto físico?

Com esta passagem, o *Talmud* quis nos ensinar algo mais profundo. Quando uma pessoa comum está passando por algum sofrimento e, principalmente, se ainda é uma criança, o mais lógico é encontrar-se magoada, com fisionomia e espírito abalados e sem

se preocupar com seu aspecto físico. O sofrimento e a tristeza da pessoa ficam refletidos em seu rosto. Aquele menino, entretanto, ao contrário de o que seria comum, possuía controle total sobre si, e sua fisionomia apresentava-se tranquila e serena. Ao comprovar isso, *Rabi Yehoshua* percebeu que estava perante alguém especial. Sendo assim, previu que a criança seria um importante personagem, como de fato aconteceu. Este jovem tornou-se o grande mestre *Rabi Yishmael ben Elishá*, um dos grandes sábios que sofreram torturas e humilhações pelo Império Romano.

Nossos sábios nos ensinam no *Talmud Sanhedrin* (85), que mesmo em momentos de perigo não devemos mudar de comportamento, mantendo-nos sempre em nosso nível. Sobre esta passagem, *Rashi* traz uma prova de que este é o comportamento correto: Quando *Chananyá*, *Mishael* e *Azaryá* foram jogados no fogo por *Nevuchadnetsar*, eles apresentaram-se com suas vestes nobres costumeiras.

De tudo isto, aprendemos que o indivíduo deve manter seu equilíbrio em todas as situações, seguindo os exemplos de *Yossef Hatsadic* e de *Rabi Yishmael ben Elishá*. Aprendemos que não podemos guardar rancor de outras pessoas e que não devemos aparentar estarmos assustados e com medo, confiando sempre no Todo-Poderoso. ■



FOCUS
TÊXTIL

O FOCO É VOCÊ

Shaná Tová!

WWW.FOCUSTEXTIL.COM.BR

Rua Achilles Orlando Curtolo, 584 – Barra Funda – São Paulo – SP – 01144-010 | +55 11 3618-4777 | 3879-6666



MUITO MAIS QUE UM
coworking.

Endereço Fiscal
Salas privadas
Espaços compartilhados
Sala multimídia

CERTIFICAÇÃO
MÉTRICAS SEGURAS
CONTRA A COVID-19

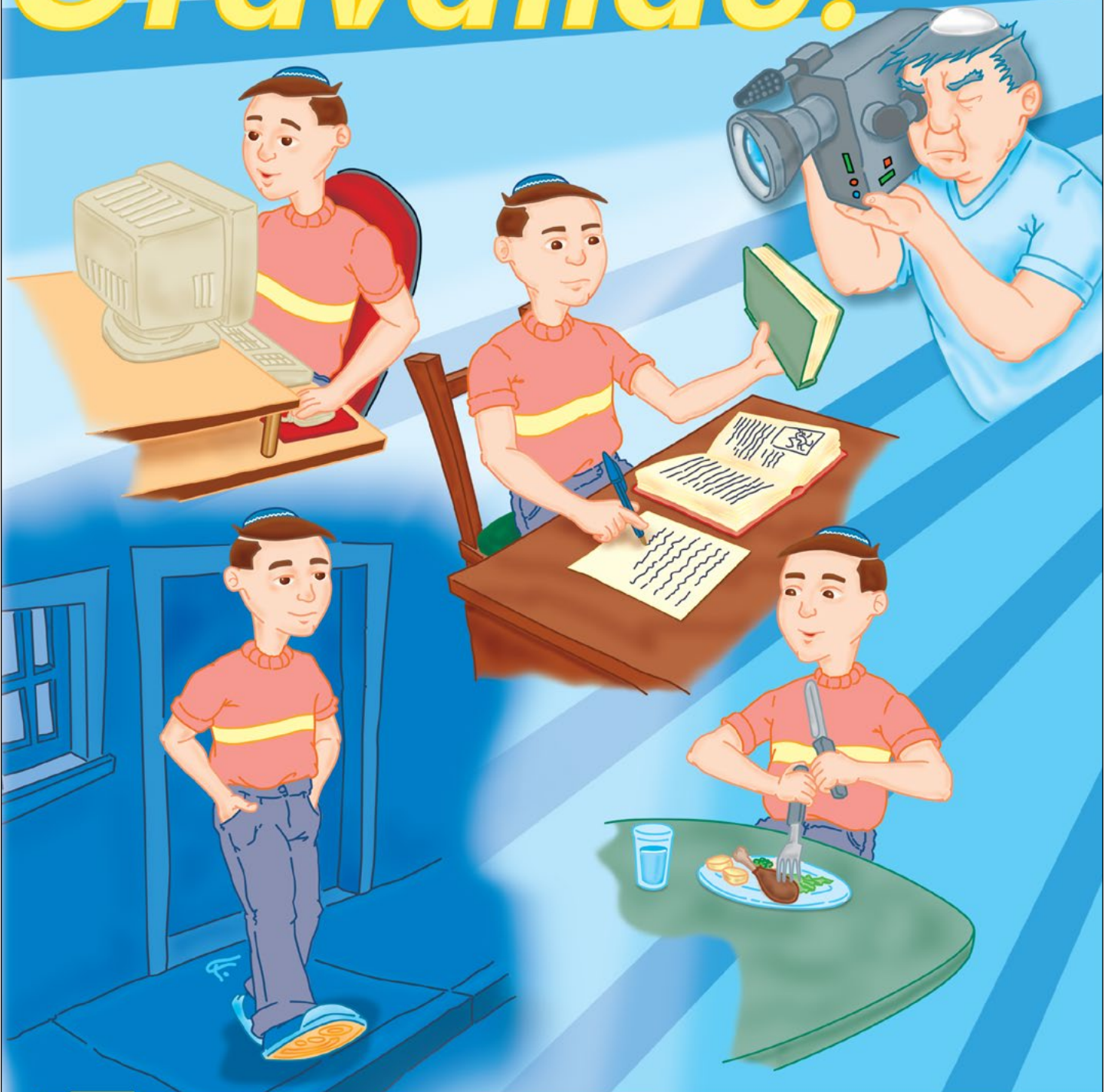
94905-5845

BSR
Solução completa
em coworking.

Av. Angélica, 321
www.bsrcoworking.com.br

* Reza de Minchá no prédio às 12h50 c/frequência

Gravando!



Se tivéssemos constantemente a sensação de que existe alguém nos filmando, nossas atitudes seriam mais acertadas, menos impulsivas. Sentir-nos-íamos mais seguros, conformados, realizados e felizes.

Na realidade, sempre existe “Alguém” nos filmando!

Um Desafio

1

Na véspera de Yom Kipur costuma-se:

- a) Dar tsedacá e recitar Tachanun.
- b) Fazer tevilá no micvê e recitar Tashlich.
- c) Fazer caparot e recitar El Nora.
- d) Visitar o túmulo de parentes e dar tsedacá.

2

Na véspera de Yom Kipur:

- a) É mitsvá comer.
- b) É mitsvá jejuar.
- c) É mitsvá fazer tashlich.
- d) É mitsvá ouvir o toque do shofar.

3

A refeição que antecede o jejum de Yom Kipur se chama:

- a) Seudá Hamavdilá.
- b) Seudat Hamalcá.
- c) Seudat Hamafsêket.
- d) Seudat Hamelavá.

4

Crianças com menos de nove anos:

- a) Devem jejuar até o meio dia no Yom Kipur.
- b) Devem jejuar o quanto conseguirem no Yom Kipur.
- c) Podem jejuar no Yom Kipur se os pais autorizarem.
- d) Não devem jejuar no Yom Kipur.

5

Segurar as quatro espécies:

- a) É uma mitsvá da Torá no primeiro dia de Sucot.
- b) É uma mitsvá da Torá nos dois primeiros dias de Sucot.
- c) É uma mitsvá da Torá em todos os dias de Sucot.
- d) É uma mitsvá dos nossos sábios em todos os dias de Sucot.



Entre as quatro espécies de Sucot estão:

- a) O lulav (folha central da tamareira) e o etrog (romã).
- b) O hadás (ramo de mirto) e o lulav (folha central da figueira).
- c) O etrog (cidra) e a aravá (ramo de mirto).
- d) A aravá (ramo de salgueiro) e o hadás (ramo de mirto).

À Sua Sabedoria

7

As paredes da sucá devem ter pelo menos:

- a) 24cm (3 tefachim) de altura.
- b) 50cm (5 tefachim) de altura.
- c) 1m (10 tefachim) de altura.
- d) 2m (4 amot) de altura.



O secach (teto) da sucá deve ser colocado:

- a) Antes da colocação dos enfeites.
- b) Depois da colocação dos enfeites.
- c) Antes da construção das paredes.
- d) Depois da construção das paredes.

11

A última oração de Yom Kipur se chama:

- a) Capará.
- b) Neilá.
- c) Alilá.
- d) El Nora.

8

As paredes da sucá não podem estar distantes do chão:

- a) Mais do que 3cm (1/2 tefach).
- b) Mais do que 7cm (1 tefach).
- c) Mais do que 23cm (3 tefachim).
- d) Mais do que 39cm (1 amá).

10

No final do Yom Kipur:

- a) É proibido comer antes de fazer Havdalá.
- b) É proibido fazer Havdalá antes de comer.
- c) É proibido fazer Havdalá antes de beber.
- d) É proibido fazer Havdalá.

12

Quanto às quatro espécies:

- a) Pega-se 1 lulav, 1 etrog, 2 hadassim e 3 aravot.
- b) Pega-se 1 lulav, 1 etrog, 3 hadassim e 3 aravot.
- c) Pega-se 1 lulav, 1 etrog, 3 hadassim e 2 aravot.
- d) Pega-se 1 lulav, 1 etrog, 2 hadassim e 2 aravot.

Respostas: 1-D, 2-A, 3-C, 4-D, 5-B, 6-A, 7-B, 8-C, 9-D, 10-D, 11-A, 12-C

Cal Nidrê

Cal Nidrê, a oração mais famosa da noite de Yom Kipur, ocupa um lugar muito especial no coração do Povo Judeu.

Rabino Issocher Frand

É interessante que muitos judeus afastados da observância religiosa – que nunca são vistos em nenhuma sinagoga – aparecem, uma vez ao ano, para a oração de *Cal Nidrê*.

Existem dúzias de *nigunim* (melodias) para as diversas partes das orações, mas praticamente todo povo de Israel usa a mesma melodia para o *Cal Nidrê*.

Sempre me causou curiosidade o porquê de as pessoas ficarem “agitadas” nesta noite.

Na verdade, a influência do *Cal Nidrê* na imaginação coletiva do Povo Judeu é, à primeira vista, um pouco difícil de ser entendida. A oração, em si, não contém a força dramática ou a história envolvente de coragem e martírio que levaram à composição de *Untane Tôkef*, por exemplo. *Cal Nidrê* também não evoca a imagem de uma balança pendendo entre a vida e a morte. *Cal Nidrê* é, de fato, uma oração extremamente técnica, com a qual cancelamos as diversas formas de promessas e juramentos que tenhamos feito durante o ano.

Num esforço para avaliar a importância do *Cal Nidrê*, o *Levush Mordechay* explica que existem três tipos de *mitsvot*. Estamos todos familiarizados com duas categorias: as *mitsvot* entre o indivíduo e seu semelhante e as *mitsvot* entre o indivíduo e D’us.

Contudo, diz o *Levush Mordechay*, existe uma terceira categoria: a das *mitsvot* entre o indivíduo e si mesmo. Quando alguém faz um juramento ou uma promessa, ele se insere nesta categoria de *mitsvot*. Essencialmente, está dando sua palavra – e o que é o homem, senão a qualidade de sua palavra?

O que nossos sábios tentam nos dizer com isso é que, ao chegarmos a *Yom Kipur*, devemos começar a pensar sobre as *mitsvot* entre o indivíduo e ele mesmo. Isto é o que o *Cal Nidrê* aborda: que este processo de *teshuvá* (retorno aos caminhos Divinos) que estou para começar não é apenas entre “mim e D’us”, mas, na realidade, “entre mim e eu mesmo”.

Ouvi uma boa definição de *Yom Kipur*: é o dia que visitamos a nós mesmos. Esta é, para muitos de nós, uma visita que não fazíamos há muito, muito tempo. Pode até parecer estranho mas, se pararmos para pensar há quanto tempo não ficamos um pouco conosco mesmos, qual será a resposta? Nossos dias são tão corridos, que raramente temos tempo para considerar nosso próprio estado espiritual. De manhã, já acordamos ocupados. Durante o dia, no trabalho, passamos a maior parte do tempo preocupados – e ainda assim, com os outros. À noite,

precisamos nos dedicar à casa, à família ou aos estudos. Então, quando pensamos, conversamos ou interagimos com nós mesmos?

No passado, os mestres do *mus-sar*, da ética judaica, desenvolveram a ideia de ir a um lugar isolado, onde poderiam parar alguns momentos para uma reflexão interna e uma auto-análise. Os *chassidim* também costumavam ter o que chamavam de “hora morta”, um período de tempo somente para sentarem e pensarem. Não estudavam nem rezavam nestas horas, apenas pensavam. Estas práticas, entretanto, parecem ao judeu moderno como uma curiosa relíquia de tempos antigos, mais simples e sossegados.

O tempo para uma auto-análise fica cada vez menor. Enquanto isso, uma profusão de modernas tecnologias continuamente se intrometem em cada momento do dia. Anos atrás, uma pessoa poderia usar o tempo que lhe sobrava durante o trabalho para uma “conversa” com sua alma. Hoje em dia, numa sociedade que abomina o silêncio, as pessoas usam seus intervalos para ouvir rádio, fitas ou qualquer outra coisa neste sentido.

A principal *mitsvá* positiva do *Yom Kipur* é o *viduy*, a confissão dos próprios pecados. Além da confissão, não há nenhuma *mitsvá* explícita de *teshuvá* (arrepentimento) na *Torá*. O interessante é que, em hebraico, o verbo “confessar” – *lehitvadot* – só é encontrado na forma reflexiva, isto é: “confessar-se”. Por quê?

“Está bem, eu confesso. Mas confessar para quem? Eu confesso perante D’us, mas para quem?” A resposta é: “Para mim mesmo!”. “Quem sou eu? Onde estou? O que tenho feito?”

Esta é uma *mitsvá* muito difícil, pois neste processo de *viduy* (confissão), acabamos nos confrontando com

um sentimento chamado “culpa”.

Na era pós-Freud, “culpa” é quase um palavrão! A pior coisa que se pode fazer a outra pessoa é fazê-la sentir-se “culpada”. Mas a verdade é que a culpa é um sentimento básico e necessário ao ser humano. Ela aparece quando não agimos da forma que deveríamos, quando não vivemos pelos motivos que deveríamos viver.

D’us, na sua enorme sabedoria, deu à mente humana uma emoção chamada culpa. Este sentimento nos adverte quando não agimos corretamente. Ele nos diz “Mude sua rota!”.

Na verdade, existe muita culpa que é doentia e injustificável. Mas a culpa, em si, é crucial para nosso desenvolvimento espiritual. A culpa é, para a alma, o que a dor é para o corpo. A dor nos avisa que alguma coisa está errada e que precisa ser tratada. A culpa exerce a mesma função em relação à alma: adverte-nos que não estamos realizando os propósitos para os quais fomos criados.

A culpa pode ser comparada à fome. Quando o corpo necessita de nutrientes, avisa: “Estou com fome! Alimente-me!”. Imaginem se fosse desenvolvida uma pílula que matasse a fome sem nutrir o indivíduo. O que aconteceria se, a cada vez que estivessemos com fome, tomássemos esta pílula? Certamente, depois de algum tempo morreríamos de fome!

Quando a alma não está sendo nutrida, está sendo maltratada, também emite um aviso chamado de culpa: “Mude! Faça alguma coisa! Você não está agindo corretamente!”. Se constantemente negamos esta culpa e a varremos para baixo do tapete, nossa alma morre de “fome”.

Para evitarmos a culpa, racionalizamos os fatos e descobrimos “boas” desculpas. O Rei Salomão, em sua obra *Cohélet* (7:29), diz isso de forma

sucinta. E talvez esta seja a melhor definição dos seres humanos: “D’us criou o homem um ser correto e o que este passou fazendo desde sua criação foi arrumar ‘boas’ saídas, desculpas”. Racionalizações para antes de fazer algo errado e para depois de tê-lo feito. Todo tipo de desculpas para evitar a culpa. Para não ter de se confrontar com “Quem sou eu? Onde estou?”. Sem dúvida, isso acontece também em nossos dias.

D’us deu a Adam *Harishon* somente uma *mitsvá* – não comer a fruta de uma única árvore. Mesmo isto lhe foi demais. Com o primeiro pecado veio também a primeira desculpa. D’us perguntou-lhe: “Por que você comeu desta árvore?”. Adam lhe respondeu com a primeira racionalização da história, a mais velha de todas (Bereshit 3:12): “A mulher que o Senhor deu para viver comigo, ela me deu o fruto e eu comi...”.

“Foi culpa da minha mulher!” E quando D’us perguntou a Chavá, qual a resposta? “A cobra me fez comer!” (Bereshit 3:13).

A culpa é sempre de outra pessoa! Nunca é minha! Sempre tenho uma desculpa!

Logo veio o segundo pecado. Cáyin matou Hêvel. O versículo (Bereshit 4:8) conta: “Cáyin falou para seu irmão Hêvel. E estavam no campo, e Cáyin levantou-se contra seu irmão Hêvel e o matou”. Há algo faltando neste relato: o que, precisamente, Cáyin falou para Hêvel? Por que esta frase está incompleta? O *Targum Yonatan ben Uziel* responde esta pergunta. Basta verificar lá o que Cáyin disse antes de matar seu irmão. Mas há ainda outra pergunta: Por que a *Torá* omitiu isso? O rabino Yossef Harari Raful dá uma bela resposta para esta pergunta: “Porque não faz a menor diferença quais as palavras de Cáyin!” O que ele falou não foi

nada mais que uma racionalização daquilo que estava prestes a fazer. Não faz diferença qual desculpa, em particular, que foi dita. Porque sempre existe a culpa da esposa, a culpa do patrão, a culpa dos filhos, do meu emprego, da falta de emprego, etc., etc.” Nunca a culpa é minha!

Isto é um impedimento básico para a *teshuvá*. Porque, para se fazer *teshuvá*, para fazer o *viduy* (confissão), para lidar consigo mesmo, é necessário reconhecer algo: A culpa é sua! Nada de desculpas! Tudo depende realmente de você!

Certa oportunidade, o *Rav* Chayim Friedlander *zt”l*, *mashguíach* (orientador) da *yeshivá* de Ponevitz, falou sobre a importância desta atitude, de assumir a responsabilidade. Para isso, ele contou a famosa história de Elazar *ben* Dordayá no *Talmud Avodá Zará* (17a). Elazar *ben* Dordayá era o exemplo típico do hedonista (que considera o prazer individual e imediato o único bem possível). Uma vez, ele foi visitar uma mulher que morava muito longe e que cobrava uma fortuna por seus serviços. Elazar *ben* Dordayá fez a longa viagem e lhe pagou uma fabulosa soma. Antes de qualquer coisa, ela, em sua obsessiva imoralidade, falou-lhe: “Elazar *ben* Dordayá, você nunca fará *teshuvá*!” Suas palavras o atingiram como nada antes o fizera. “Olhe

o quanto você afundou”, ele pensou consigo. “Ouça quem está lhe dizendo que você nunca fará *teshuvá*!”

Mas isso não acontece somente no *Talmud*. O Rabino Berel Wein contou uma história parecida. Um judeu certa vez estava dirigindo seu carro, com duas entradas para um *show* na Broadway. Como o trânsito estava muito pior que o normal naquele pedaço de Manhattan, o homem perguntou ao guarda de trânsito:

– Que está acontecendo hoje?

– Você não sabe? – respondeu-lhe o guarda. – Hoje à noite é *Yom Kipur*!

Isto foi como uma bofetada em seu rosto. Quando alguém ouve de um guarda, no meio da rua, que é noite de *Yom Kipur*, ele sabe o quanto está afundado, o quanto ele caiu. Hoje esse homem é um *báal teshuvá*.

O *Talmud* continua contando: “Elazar *ben* Dordayá procurou todo tipo de desculpas para seu comportamento. Culpou seus pais, a sociedade... mas a resposta foi negativa. Até que chegou à inescapável conclusão: “A culpa não é de ninguém, a não ser minha!” Assim, ele fez *teshuvá*! Ele chegou à conclusão que sua vida é só dele, que a responsabilidade é só dele e que somente ele poderia mudá-la. Somente depois disso ele foi perdoado. A partir daí, o *Talmud* o chama de Rabino Elazar *ben* Dordayá. Por quê? Porque ele nos

ensinou um dos pilares da *teshuvá*: Devemos assumir nossas responsabilidades, assumir quando estivermos errados, quando precisarmos começar de novo! Nada de desculpas ou culpar os outros!

O dia de *Yom Kipur* é como olhar-se num espelho.

Há dois jeitos de se olhar num espelho: o primeiro, de longe, quando pensamos: “Nada mal! Em termos relativos, comparando-me com os demais, sou um *tsadic*!”.

Mas não nos deixemos cair neste erro. Devemos nos lembrar do que falou o *Brisker Rav zt”l*: “Noventa por cento do Povo Judeu cresceu sem nenhum conhecimento de D’us. Eles não sabem nada e não serão responsabilizados por seus atos! Não são essas pessoas que estão atrasando a vinda do *Mashiach*; somos nós! Pois nós sabemos o que é *Yom Kipur*, o que é *Shabat*, *tefilin*, *cashrut*! Não aponte seu dedo para eles, pois é nossa culpa, não deles!

Assim, certifique-se de olhar no espelho bem de perto, para enxergar os detalhes, para conhecer-se melhor.

Tradução livre de palestra proferida pelo Rabino Issocher Frand em Baltimore, na véspera de *Yom Kipur* de 1990.

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”

Ética dos Pais 5:23

O judaísmo mais perto de você!

editora & livraria

SEFER

A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL

www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366

www.sefer.com.br



A Idade da Amamentação

Desde a época da amamentação, o nenê já é uma criatura extremamente sensível, alerta a tudo o que acontece ao seu redor.

Rabino I. Dichi

Os pais não podem se iludir quanto à percepção das crianças, mesmo recém-nascidas. Eles devem estar convencidos que, desde o primeiro dia, os nenês estão atentos a tudo o que acontece ao seu redor.

À medida que passam os dias, as crianças prestam cada vez mais atenção aos detalhes dos acontecimentos. Cientes disso, os pais precisam saber como se comportar perante elas. Quando os pais estão próximos à criança, estão influenciando seu interior com suas atitudes. Portanto, é obrigação dos pais controlarem-se e comportarem-se como exemplo perante os filhos.

O livro *Taná Devê Eliyáhu* é uma compilação de ensinamentos de Eliyáhu *Hanavi*, escrito por um de seus discípulos. Neste livro, consta uma passagem (Parashá 19) famosa em relação à *tefi-*

lá que os pais precisam fazer pelos filhos. Neste mesmo trecho, consta um outro ponto muito importante quanto ao exemplo dos pais. O ensinamento é o seguinte:

“Consta em *Meguilat Echá* (2:19): “*Seí Elav capáyich al nefesh olaláyich* – Erga as palmas de suas mãos para Ele pela alma dos nenês.” Disso, nossos sábios aprenderam que o homem deve rezar e pedir *rachamim* (misericórdia) a D’us por si, por sua esposa, por seus filhos e por toda a sua família; que nenhum deles, *chas veshalom*, faça pecados ou tome atitudes feias, vexatórias. Que o indivíduo não ouça seus pais conversando futilidades, que excedem o bom senso, e fique quieto. E se o filho silenciar, ele (o filho) e eles (os pais) não completarão os anos de suas vidas, conforme consta (Devarim 4:9): *Rac hishámer*

lechá ushmor nafshechá meod... – Somente guarda-te a ti mesmo e guarda tua alma muito...’”

Essa passagem do *Taná Devê Eliyáhu* é impressionante. Começando pela necessidade de rezar pela família. Muitas pessoas não levam esse princípio básico em consideração. Imaginando que as coisas acontecem “por si só”, deixam de pedir a *Hashem*. O segundo ensinamento deste trecho é ainda mais surpreendente, pelas consequências mencionadas.

Muitos homens desejam que suas esposas se vistam e se comportem com recato, que tenham em seus corações muito temor a D’us e respeitem Sua *Torá*. O mesmo em relação a seus filhos. Mas quanto esses homens costumam rezar, pedindo a D’us que proporcione tudo isso a si e à sua família?

Nesta passagem, constatamos a obrigação que o chefe da casa possui de fazer *tefilá* por sua família – por sua integridade física e, principalmente, pela espiritual.

Aprendemos também outro ensinamento importante: que o filho não assista a seus pais atravessando a barreira do bom senso e das coisas permitidas, conversando sobre coisas fúteis ou proibidas. Isso é algo que depende dos pais. Mas se o filho presenciar essa situação, deve advertir os pais. É claro que essa advertência deve ser realizada de acordo com todos os conceitos de respeito aos pais, conforme consta no *Shulchan Aruch*. Mas, segundo o *Taná Devê Eliyáhu*, o filho não deve ficar calado. A gravidade desta situação é expressa pela consequência mencionada no caso de falharem: se os pais se excederem e o filho silenciar, “nem o filho nem os pais completam seus anos de vida”.

Os pais precisam ser cuidadosos na comunicação perante seus filhos. É suficiente que o filho escute uma vez

alguma palavra feia, ou não respeitosa, para ser influenciado negativamente. Conforme explicam nossos sábios no *Talmud*, a forma com que a criança se manifesta na rua é um reflexo do que ele ouve de seus pais.

Os filhos compreendem muito bem o tipo de relacionamento existente entre os pais. O filho “ouve bem” quando há gritos, quando o nervosismo impera no lar, e não há como avaliar o dano que tudo isso causa nas suas almas.

Mesmo quando as crianças estão brincando, ou distraídas em suas atividades, seriam tolos os pais que imaginassem que elas não ouvem ou não prestam atenção a gritos e descomposturas. Quem pode avaliar a influência de gritos e trocas de insultos entre os pais? E, D’us não o permita, o que dizer de um lar no qual se chega ao absurdo de um cônjuge levantar a mão para o outro?...

Conforme nossos sagrados conceitos, nunca há motivos suficientes para ficar nervoso. O nervosismo é uma qualidade completamente negativa e deve ser evitada em todas as circunstâncias. Nem se deve defender um “pequeno nervosismo por algo insignificante”, por exemplo. Muito pelo contrário. Quando ocorre um nervosismo por alguma “tolice sem motivo”, é ainda mais grave.

Um filho em casa deve ser uma lembrança aos pais: “Saibam que vocês devem se cuidar e se comportar como pessoas para as quais *Hashem* entregou um importante penhor – pelo qual vocês devem zelar bem.”

Na casa de um *yehudi*, a criança assimila a fé no Todo-Poderoso e na *Torá* desde o tempo de amamentação. Quem tem uma criança pequena em casa percebe isso de forma evidente. Um exemplo simples: Quando os pais fazem uma *berachá* com concentração, fechando os olhos e pronunciando cada palavra

com calma, percebe-se que a criança olha para os pais com curiosidade. O que chama a atenção da criança? Ela está acostumada a ver que dois adultos dialogam entre si. Mas chama a atenção observar alguém falar “sozinho” de olhos fechados. A mãe conversa com o pai, com os filhos. Sempre há um diálogo – um fala e o outro responde. De repente, a criança começa a notar que a pessoa que recita uma *berachá* com concentração está falando com alguém que não se vê – com seriedade e respeito. Naquele momento, a pessoa se concentra e não dá atenção para outras coisas. A criança percebe que se conversa com alguém muito importante, mesmo que não o vemos.

Esse é o primeiro treino em relação à fé. A criança se acostuma – apesar de ser algo subconsciente – que se pode falar com Alguém que não estamos vendo. Isso é um dos pontos primordiais na *emuná*. Através da observação dos pais recitando as *berachot*, a criança assimila esse conceito. A influência é ainda mais positiva se ela percebe que os pais pronunciam as *berachot* da forma adequada. Isso despertará na criança curiosidade e interesse. Mas mesmo antes de começar a fazer perguntas e receber as respostas sobre a nossa fé, a observação já tem uma influência muito forte sobre a criança. Isso semeia fé na criança, mesmo sem qualquer esclarecimento – até porque se trata de uma criança que ainda nem sabe falar.

É necessário dizer as *berachot* em voz alta, de forma pausada e com concentração. Muitos pais desejam que suas crianças ajam dessa maneira, mas eles mesmos não o fazem. Isso é um grande problema. É comum acontecer de um pai dizer a seu filho: “Não ouvi você recitar a *berachá* antes de comer...” e ele responde: “Eu disse baixinho”. Se o próprio pai não pronuncia

as *berachot* da forma apropriada, não há como recriminar os filhos. Os pais devem se comportar de maneira correta por eles mesmos e também pela boa educação que devem a seus filhos.

Há um outro detalhe ligado com a época da amamentação. Sabe-se que o Chazon Ish e muitos outros sábios explicam que existem determinados procedimentos que possuem *segulot* – propriedades de transmitir para a criança santidade, pureza e *yir'at shamáyim*. Fazer *netilat yadáyim* nas crianças de manhã, desde os primeiros dias, é um deles. Outros detalhes são a *kipá* e o *tsitsit*. Certamente não podemos desprezar essas recomendações, apesar de parecer que o nenê não entende nada do que acontece nos primeiros dias de vida. De qualquer maneira, sabe-se de uma forma evidente que o nenê é extremamente sensível e, de alguma forma, permanece alerta a tudo o que acontece a seu redor.

O início da fala

Logo quando a criança começa a falar, a primeira coisa que ensinamos a ela é a frase: “*Torá tsivá lánu Moshê, morashá kehilat Yaacov* – A *Torá* que Moshê nos transmitiu é a herança do nosso povo”. Se isso não é feito, nossos sábios dizem que é como se tivessem enterrado a criança. Isso porque o momento propício para começar a ensinar conceitos de *Torá* foi perdido e “não volta mais”. As primeiras palavras da criança devem ser em *lashon hacôdesh*, palavras de *Torá* no idioma sagrado.

É necessário aproveitar o momento que a criança começa a falar e acostumá-la com palavras de *Torá*, para que fique claro e natural para ela que a conversa sobre *Torá* é o principal da fala. Se atrasamos este primeiro momento adequado, é como se nós a tivéssemos enterrado – porque atrasa-se o semear da santidade da *Torá*.

Quando a criança começa a falar, começa-se a acostumá-la a recitar as *berachot*. Esse comportamento normalmente é realizado pelas mães. Certamente que isso não pode pesar na criança; não pode sufocá-la. Não se deve irritar uma criança que mal começou a falar, insistindo que recite *berachot* para cada coisa que põe na boca. Ensina-se aos poucos, levando em consideração seu potencial. Quando ela começa a falar de uma forma mais fluente, acrescenta-se o *Modê Ani* por partes, o *Shemá Yisrael* e, passo a passo, todas as *berachot*.

O ensinamento das *mitsvot*

A educação em relação às *mitsvot* também começa cedo. Cada *mitsvá* deve ser, levando em consideração a idade, uma nova aventura para a criança – o *Shabat*, as músicas de *Shabat* e outras, os componentes das *mitsvot* que agradam às crianças e assim por diante.

Não é necessário obrigar as crianças a sentar à mesa de *Shabat* desde o início da refeição até o final. Isso pode ser um sofrimento para elas. Se ficam contentes à mesa, ótimo; mas, se depois do *Kidush* e do *Hamotsi* ficam inquietas, deve-se permitir que levistem. Principalmente quando há visitas e a refeição se prolonga. Justamente nestas ocasiões os pais desejam mostrar o quanto seus filhos são educados. De qualquer forma, existem formas agradáveis de tentar segurá-los à mesa: contando histórias interessantes relacionadas com a *parashat hashavua*, com os *tsadikim* ou qualquer outra de seu interesse. Desta forma, a criança passará a esperar pelo *Shabat* com anseio e considerá-lo como algo bastante agradável.

Pode-se tentar atrair as crianças para que ajudem nos preparativos para o *Shabat*. Não como um peso

para elas ou para facilitar o trabalho dos pais, mas sim para que elas se interessem e passem a dar valor aos preparativos do *Shabat*. Deve-se sugerir que realizem funções que as façam se sentir “crianças grandes” – sentimentos de parceria com os pais e de responsabilidade. Assim também, de uma forma geral, em relação a todas as *mitsvot*.

Em inúmeras oportunidades nossos sábios ensinam o quanto é importante incentivar que as crianças participem das *mitsvot*. Na noite do *Sêder de Pêssach*, por exemplo, costuma-se dar nozes às crianças para incentivá-las a participar da comemoração. Em *Chanucá* costuma-se brincar com elas de *sevivon*.

Na importante obra do Rokeach, um dos nossos sábios *rishonim*, está relatado como era o hábito de levar-se a criança pela primeira vez ao *talmud Torá* para aprender as letras do alfabeto hebraico. Ele descreve como o pai levava seu filho e como o professor o colocava em seu colo para ensinar o *alef bet*. Diz o Rokeach que toda essa cerimônia podia ser considerada como uma analogia à própria Outorga da *Torá*, onde o professor era concebido como o Monte Sinai. Colocava-se mel em moldes de letras e a criança lambia o mel de sobre as letras. Em alguns poucos lugares ainda se pratica esse costume até hoje.

Assim, deve sempre existir a preocupação de oferecer para a criança o que a atrai, para que ela se contente com as *mitsvot*. Isso é fundamental na educação. Devemos saber como transmitir as *mitsvot* de forma agradável e não, *chas veshalom*, como uma pesada obrigação.

**Rabino Isaac Dichi, baseado em
“Zeriá Uvinyan Bachinuch” do
Rabino Shelomô Wolbê zt”l**

Dez Dicas

Para Uma Compra Bem Sucedida dos Arbaát Haminím

1 Verifique a origem do produto no selo de *cashrut* – em especial do etrog – evitando assim o risco de enxerto e *orlá*, que invalidariam a *mitsvá*. Se a origem do produto for de Israel, o selo de *cashrut* garante que as leis de *maasrot* também foram cumpridas.


2 Em relação ao lulav e etrog, mais especificamente, existem inúmeros detalhes que os invalidam para o cumprimento da *mitsvá*. O selo de *cashrut* neste caso refere-se apenas à sua procedência, e não à sua aparência – ao primor da *mitsvá*.

Leve em consideração que podem surgir defeitos no etrog ocorridos no processo de amadurecimento ou no decurso da importação.

Os lulavim perdem qualidade quando suas caixas são abertas com muita antecedência.

É recomendável que todos estudem, ao menos basicamente, as leis relacionadas com as quatro espécies. Quem não tem conhecimento destas leis deve buscar auxílio daqueles que as tenham estudado ou de um vendedor confiável. Na Congregação Mekor Haim todos os etroguim, sem exceção, são verificados quanto à *cashrut*. *Rabanim* competentes encontram-se à disposição dos interessados para oferecer uma ajuda básica.

3 Como em todas as *mitsvot*, o conceito de “hidur mitsvá”, embelezar a *mitsvá*, também se aplica aos *arbaát haminím*. As diferentes qualidades e preços dos conjuntos de *arbaát haminím* estão relacionados com esta questão. Quanto mais bonitos segundo os critérios da lei judaica, mais méritos para quem cumpre a *mitsvá*!

- 
- 4 Caso o seu filho já saiba como cumprir a *mitsvá*, procure adquirir um conjunto das quatro espécies para ele também. Cabe ao pai a *mitsvá* de educar seus filhos. Desta forma, será muito mais fácil eles continuarem cumprindo as *mitsvot* quando crescerem. Vide *Shulchan Aruch Orach Chayim* 657 e *Mishná Berurá*.
 - 5 A montagem dos *arbaát haminim* segue um padrão, e há diferenças entre *sefaradim* e *ashkenazim*. Na Congregação há uma equipe de ajudantes que monta os *arbaát haminim* para todos os interessados.
 - 6 É comum que o hadás (murta, mirto) e a aravá (salgueiro, chorão) sejam vendidos, já verificados, em embalagens plásticas lacradas já verificadas. Porém, também nestas espécies – principalmente no hadás – há diferentes qualidades, conforme descrito no selo de *cashrut*.
 - 7 O conjunto de *arbaát haminim* deve ser propriedade de quem pretende fazer a *mitsvá*. Assim, é recomendável que seja pago antes de *Sucot*.
 - 8 Preserve o kit de *arbaát haminim* em lugar seguro, úmido, longe do vento, do sol e do ar condicionado.
 - 9 É comum que a aravá precise ser trocada durante os dias de *Sucot*. Na Congregação há aravot disponíveis durante todos os dias da festividade.
 - 10 Como sempre, além do esforço realizado, reze para *Hashem* lhe proporcionar o mérito e os meios para cumprir essa *mitsvá* tão importante que acontece apenas uma vez por ano!

Rabino Daniel Faour



Sinagogas da Eslováquia

A Eslováquia é um belo país montanhoso, paraíso dos amantes da natureza.



Na cidade de Kosice, belíssimas casas decoradas convivem com outras de blocos de concreto da época comunista. Entre elas, uma majestosa estrutura...



A sinagoga da Rua Pushkinova, construída no século XX.



Lá, encontra-se uma placa memorial dedicada aos judeus de Kosice que foram deportados para os campos de concentração nazistas. Hoje ainda há uma pequena comunidade judaica na cidade.



A cidade de Liptovsky Mikulas está situada ao norte da região de Nizke Tatry. Bem atrás da praça central da cidade, observa-se esta impressionante edificação.



A sinagoga foi construída em meados do século XIX e parcialmente reformada há cerca de vinte anos.





Uma placa memorial colocada próximo à entrada do templo descreve os difíceis momentos que passaram os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, quando cerca de vinte mil membros da comunidade local foram assassinados.



De volta a Kosice, para visitar uma sinagoga localizada no bairro da comunidade judaica.



Esta é a fachada da bela sinagoga, que está descuidada, aguardando reformas e visitantes.



Durante muitos anos a sinagoga permaneceu abandonada, antes de sua restauração. Hoje, serve como um pequeno museu.

Na cidade de Spishske Podhradie encontra-se a única sinagoga remanescente da região de Presov. Construída no início do século XIX, a sinagoga foi restaurada em meados da década de 1990.



Uma Vida Feliz

Esta reflexão faz parte de uma carta que o Rabino Desler enviou de Londres em 5698 (1938) a seu filho, então com quinze anos de idade, que estudava em uma yeshivá na Lituânia.

Rabino Eliyáhu E. Desler

Quem não almeja uma vida feliz? Todos nós almejamos.

Creio podermos assumir que está mais do que claro para cada um de nós o que é felicidade: uma pessoa alcança a felicidade quando realiza todos os seus desejos. E como o que a maioria das pessoas deseja custa dinheiro, tudo parece indicar que o dinheiro seja um bom passaporte para a felicidade. Portanto, é feliz quem ganha muito dinheiro: o homem de negócios bem sucedido, o diretor de uma empresa de porte, o homem a quem o sucesso bate continuamente à porta. Homens como esses têm maiores chances de uma vida feliz. O que mais se pode almejar neste mundo? De qualquer modo, é esta a opinião das pessoas de posses. Louvam a ambição e curvam-se perante ela, perplexos com os que pouco se empenham e contentam-se com o pouco que possuem.

Mas se examinarmos o assunto com mais profundidade, teremos que nos perguntar se já vimos alguém realmente feliz. A maioria responderá que certamente conhece gente feliz. É normal pensar assim. Todos nós raciocinamos deste modo. Sabemos que nem todas as pessoas ricas são felizes, mas é fato que quase sempre o dinheiro traz felicidade. De qualquer maneira, pessoas de posses ao menos parecem felizes. Quando vemos suas residências suntuosas, as

festas que promovem, seus empregados, seus carros, concluímos, às vezes até involuntariamente, que a menos que uma tragédia as acometa, estas pessoas são felizes.

Esta resposta é, no entanto, bastante superficial. Se quisermos nos aprofundar no assunto, teremos de investigá-lo com mais metodologia. E isto só pode ser feito de uma única maneira: fazendo perguntas às pessoas em questão. Não é suficiente elaborar suposições a respeito da situação alheia. Temos que perguntar a cada indivíduo quais são os seus sentimentos. Deste modo, chegaremos ao âmago da verdade.

À procura de uma resposta

Abordaremos primeiro os homens ricos, aqueles cujos bens excedem suas necessidades, que vivem em mansões e andam em carros de luxo. O que dizem na “hora da verdade” – de coração aberto e consciência tranquila? É então que o segredo se revela: eles não são felizes como imaginamos. Acumularam riquezas, mas a felicidade ainda está longe do seu alcance. A inveja e a cobiça ameaçam sua tranquilidade; problemas familiares são uma constante em seu cotidiano; suas esposas levam uma vida monótona, seus filhos mimados se distanciam e ficam atrevidos; suas filhas se rebelam; dificuldades se acumulam em suas vidas e não lhes dão um

momento de paz. E não pense que estes problemas são acidentais – não em quantidade, nem tampouco em qualidade. Eles são efeitos colaterais da própria riqueza. “Nenhum homem morre sem ter deixado de realizar metade dos seus sonhos”. Portanto, mesmo o mais rico dos homens sente-se frustrado e insatisfeito.

Perguntemos agora aos membros da classe média, pessoas que trabalham em geral horas a fio durante o dia para ganhar seu sustento. Será que detêm os segredos da felicidade? Se investigarmos melhor, encontraremos resultados surpreendentes. Estas pessoas trabalham a vida toda. Não raro sofrem enfartes ou adquirem uma úlcera. E parecem não encontrar tempo suficiente para desfrutar do dinheiro que ganham. Estão sempre se preparando para os dias de riqueza que, es-

peram, virão. Mas quando a jornada de trabalho de suas vidas chega ao fim, estão em idade avançada; já não se vê a alegria de viver em seus semblantes e não conseguem aproveitar as horas de folga à disposição. Sua única atividade na vida era o trabalho e, sem ele, parecem não se importar com a vida. Então, quando serão felizes? Jamais.

Talvez nos deparemos com a felicidade se continuarmos a descer na escala social, até o operariado. Trabalham duro o dia todo e às vezes também à noite para obter seu sustento, mas nunca estão contentes. O sentimento de humilhação os persegue; sentem que estão perdendo todas as coisas boas da vida. E se sentem oprimidos pelos ricos. Eles – os operários – criam a riqueza, mas dela não usufruem. Entendem que outros roubam-lhes o fruto de seu labor. Isto é felicidade? Certamente que não.

Onde estará então a felicidade neste mundo? Essa era a nossa indagação e não encontramos uma resposta para ela. Tudo o que conseguimos ouvir são ecos da mesma exclamação: “Felicidade?! Não existe!”. Aparentemente, esta conclusão está amparada pela realidade e todos os aspectos deste problema parecem certificá-la.

Um remédio para o mal

Se esta é a face da realidade, faremos então a seguinte pergunta, usando um versículo: “O que nos fez o Todo-Poderoso?” Por que D’us haveria de criar um mundo tão grande e belo, onde todo e cada homem, sem exceção, tivesse de sofrer tantos infortúnios? Isto não faz sentido. Temos de encontrar uma saída para este problema. Não há dúvida de que existe um caminho que solucione o triste destino da humanidade. Preci-



GRUPO
etilux

*Deseja Shaná Tórá Umtucá
e um ano repleto de alegrias
para toda a Kehilá*

samos buscar uma solução; encontrar a chave da felicidade. É óbvio que D'us, fonte de todo o Bem, pavimentou neste mundo uma estrada que leva diretamente a uma vida feliz. Mas, antes que se possa procurar o antídoto, é preciso diagnosticar o mal. Que enfermidade é essa, que parece ter tomado dimensões de uma epidemia universal e que, por sua natureza, rouba a felicidade de nossas vidas?

Nossos sábios, os sábios da verdade, da *Torá*, têm a resposta. Ela está escrita claramente na *Mishná* (Pirkê Avot 4:28): “A inveja, a cobiça desmedida e a (busca da) glória afastam o homem do mundo”. Neste mundo, como D'us o criou, está a chave da felicidade. Fomos nós que decidimos buscar um mundo de sofrimento, resultado das três tendências negativas citadas na *Mishná*. Só temos, pois, que fugir da inveja, da cobiça e da busca pela glória – ou seja, expulsá-las de nossos corações – para transformar nosso mundo em uma fonte interminável de felicidade.

Quando estas tendências estiverem ausentes de nossas vidas, não teremos adquirido só felicidade, mas riqueza. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram: “Quem é rico? Aquele que se alegra com o que possui.” Não disseram que “também” é rico; que é “muito” rico, mas simplesmente “rico” – e ponto final. Na verdade, quem não se alegra com o que lhe foi reservado nesta vida, não só carece de felicidade, mas também de riqueza. Em termos materiais é possível que tenha milhões no banco, mas continuará sendo pobre.

O que é pobreza? Quem não tem o que precisa é pobre. Quem necessita de algo que não possui, é pobre, independentemente do dinheiro ou riqueza em seu poder. É fácil perceber que os chamados “ricos” estão em situação inferior aos “pobres”, pois quanto mais têm, mais suas necessidades aumen-

tam e, por conseguinte, sua carência. É fácil suprir as necessidades de um pobre, mas as do rico, como a fome por respeito e honra, jamais se satisfazem. É impossível saciar o rico, porque se ele tiver uma porção, desejará duas. Onde quer que saciemos suas vontades, novos e redobrados desejos surgirão, indefinidamente.

Se observarmos tanto o rico quanto o pobre, do modo como vêm a si mesmos – e não como o pobre olha para o rico – constataremos que a situação de ambos é miserável; ambos sentem-se tristes e frustrados mas, na maioria dos casos, a situação do “rico” é pior que a do “pobre”. Contudo, quem conseguiu dominar suas paixões e não precisa de muito para alegrar-se com o que tem, que não necessita do que não tem – este é o homem rico. Não há no mundo alguém tão rico como ele.

Direcionando as aspirações

Mas, quem será essa pessoa? Tratemos de analisá-la. Dissemos anteriormente que ela expulsou as paixões e ambições de seu coração. Significa que tornou-se uma pessoa de personalidade fraca, sem motivações e inerte? É a isto que chamamos de vida? Parece mais com uma pessoa de idade avançada, sem objetivos na vida, sem desejos, cujas forças minguiaram. Podemos dizer que tenha uma vida feliz? Não! Obviamente que não! Não há nada mais distante da verdade que isto. E a verdade é que não há felicidade no mundo material. Só existe a felicidade espiritual. Quem vive uma vida espiritual repleta de conteúdo é uma pessoa feliz. Não há dentro da nossa realidade qualquer outro tipo de felicidade.

Constatamos este fato ao observarmos as pessoas que vivem genuinamente de acordo com a *Torá*. Estas pessoas, que dedicam seus pensamentos e

desejos, entusiasmo e ambições, para se aprofundarem na sabedoria da *Torá*, experimentam o verdadeiro gosto da felicidade neste mundo. Não estamos falando do Mundo Vindouro; estamos nos referindo a este mundo – ao “aqui e agora.” É óbvio que não há felicidade sem objetivos, estímulos e aspirações. A felicidade aparece quando os objetivos podem ser alcançados, quando não dependemos de outros para conseguí-los, quando estamos livres dos impulsos frustrantes que chamamos de cobiça e orgulho. Quando tudo isto é possível? Quando nossas aspirações emanam do amor pela *Torá*, pelo saber e pela moral – anseios de uma vida verdadeiramente espiritual.

Só a própria pessoa pode buscar esse tipo de aspiração. Quanto mais energia e esforços aplicarmos para lograr tal objetivo, maior será nossa felicidade. Seremos as pessoas mais felizes do mundo. Isto é o que diz a *Mishná*: “Esta é a forma de estudar *Torá*: come um pedaço de pão com sal, bebe pouca água, dorme sobre a terra – e esforce-se no estudo da *Torá*.” Se você estiver disposto a levar esse tipo de vida para satisfazer seu enorme desejo de adquirir o conhecimento da *Torá*; se todas as outras coisas do mundo não significam nada para você em relação à única coisa que realmente importa, seu crescimento em *Torá*, então – “bem-aventurado serás neste mundo”. Você será a pessoa mais feliz do mundo; você e nenhuma outra pessoa. Esta é a verdade que a *Torá* ensina em relação à felicidade.

“Michtav Meeliyáhu – Em Busca da Verdade” está à venda na Livraria Sêfer (011 3826-1366) e é uma publicação da Editora e Livraria Sêfer em parceria com Or Israel College.

A publicação desta matéria na Nascente foi autorizada por escrito.



Três Minutos

Em um reino distante, havia uma inusitada peculiaridade. De tempos em tempos, o rei escolhia um de seus súditos para entrar no salão dos tesouros reais por três minutos.



ESTRELA
Aviamentos

50 anos

Fitas Elásticas
Fitas Rígidas
Bojos
Velcro
Fio para Costura
Etiquetas Bordadas

FITAS ELÁSTICAS ESTRELA LTDA.
Rua João Roberto nº 580 - CEP 07221-040
Cidade Industrial de Cumbica
CEP - 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel: (55-11) 2142-7277
Fax: (55-11) 2142-7299
e-mail: estrela@estrela.ind.br
Internet: www.estrela.ind.br

*Edmond Khafif
e filhos*

*Congratulam-se
com a kehilá pela festa
de Rosh Hashaná
e desejam muita paz
e saúde para todo
Am Yisrael!*



David Abadi e Família

**Desejam muito
sucesso material
e espiritual para
toda a kehilá.**

Era Uma Vez

No salão havia riquezas de imensurável valor: jóias, pedras preciosas, moedas de ouro, objetos de arte, antiguidades – uma enorme quantidade de preciosidades.

Durante estes instantes, o felizar do podia pegar quantos bens desejasse e conseguisse. Ao expirar o tempo, o súdito devia sair imediatamente carregando os bens que escolhera. Depois disso, sua vida podia mudar totalmente. O tempo era mais do que suficiente para transformar qualquer cidadão no sujeito mais abastado do país.

Um jovem acabara de receber a notícia que fora o escolhido do bondoso soberano para entrar no famoso salão dos tesouros reais.

Por vários dias ficou imaginando quantas pedras preciosas conseguiria carregar e como seria maravilhosa sua vida de milionário. Fez planos para aproveitar da melhor maneira possível seus valiosos minutos – para agarrar o máximo de riquezas com grande agilidade e concentração.

Finalmente o grande dia chegou. Seu coração disparou só de ver as enormes portas do recinto.

As portas foram abertas e o cronômetro disparou.

O jovem correu para dentro do extraordinário salão e rapidamente começou a calcular quais os tesouros que levaria consigo.

Nos primeiros segundos, percebeu que tocava uma música maravilhosa naquele recinto. Eram sons harmoniosos que jamais ouvira. A música lhe causava grande deleite. Além disso, uma fragrância deliciosa emanava de algum lugar do salão, mas ele não conseguia identificar sua origem exata.

Havia objetos animados confeccionados em ouro e diamantes, imitando palhaços que dançavam e pulavam graciosamente ao som da música.

Em uma das paredes havia uma enorme tela, onde eram projetadas imagens encantadoras dos mais lindos recantos do planeta.

Também havia uma série de máquinas inusitadas, projetadas para as mais diversas finalidades.

Uma mesa luxuosa estava repleta de deliciosas iguarias, guloseimas e frutas coloridas.

Belíssimos livros estavam expostos em uma imponente estante de madeiras nobres, que também continha uma exposição de bijuterias.

De repente, anunciaram por um alto falante que o tempo do jovem estava se esgotando e que ele deveria estar fora do salão em dez segundos.

O rapaz levou um enorme susto. Ele se distraíra com tantos atrativos e nem percebera o tempo passando. Rapidamente correu em direção à saída, agarrando umas poucas jóias pelo caminho.

* * *

Este mundo é como o salão do tesouro real. As preciosidades que podemos adquirir são as *mitsvot*. Elas nos trazem uma enorme recompensa neste mundo e, principalmente, no Mundo Vindouro, que é eterno.

Devemos procurar agarrar o máximo de boas ações, com agilidade e concentração, não desperdiçando nosso precioso tempo de vida.

Entretanto, há muitas “distrações” que podem nos tirar a concentração e desviar nosso verdadeiro propósito neste mundo. Infelizmente, muitas vezes trocamos verdadeiros tesouros pelos prazeres passageiros deste mundo.

O quanto antes despertarmos para praticar uma vida repleta de *mitsvot*, mais afortunados seremos!

Pat Habaá Bekisnin

Sobre Quais Massas Recita-se a Berachá de Borê Minê Mezonot

Rabino I. Dichi

Definição de pat habaá bekisnin

Cada uma das três definições que se seguem, individualmente, são consideradas *pat habaá bekisnin*.

1. É toda massa – mesmo que seja igual à massa de pão – usada para fazer biscoitos, *kaakim*, ou qualquer coisa crocante.

Exemplo: A *berachá* do biscoito água e sal (tipo *Cream Cracker*) é *Borê Minê Mezonot*.

2. a) É toda massa que por ser feita com mel, ou açúcar, ou leite, ou com sucos naturais de frutas, o gosto doce ou o sabor dos sucos se faz sentir.

Esta opinião é do *Bet Yossef* e assim é o costume dos *sefaradim*.

b) O *Remá* sustenta, neste caso, que para a massa ser considerada *pat habaá bekisnin*, é necessário que os ingredientes acima citados sejam em maior quantidade que a água – quando esta for utilizada na massa e que o sabor desses ingredientes se faça sentir.

E assim é o costume dos *ashkenazim*.

Porém, massas feitas com chá ou água de arroz, mesmo que em grande quantidade, não

se tornam *pat habaá bekisnin* por esse motivo.

c) De acordo com o citado acima, os *sefaradim* não recitam a *berachá* de *Hamotsi* sobre uma *chala* que tem sabor adocicado. Para os *ashkenazim*, esta *chala* será *pat habaá bekisnin* – sendo sua *berachá mezonot* – somente se os ingredientes como sucos naturais, açúcar e ovos sejam em quantidade maior que a água – se esta for utilizada.

Mais adiante será esclarecido o conceito de *keviut seudá* (quantidade a ser ingerida), que é importante em relação aos itens 1, 2, 3.

3. Toda massa, mesmo igual à de pão, que for recheada com frutas e/ou nozes antes de ser levada ao forno – uma vez que as frutas e/ou nozes são em quantidade grande – seu sabor se destaca na massa tornando-a *pat habaá bekisnin*.

Berachot Sobre Alimentos Ligados com Pat Habaá Bekisnin

Matsá

1. Os *sefaradim* costumam recitar *Mezonot* sobre a *matsá* durante todo o ano (exce-

to *Pêssach*); porém durante o ano fazem *Netilat Yadáyim* sem recitar a *berachá*.

De qualquer maneira, é preferível que o *sefaradi* coma *matsá* somente em refeição na qual fez *Netilat Yadáyim*, recitou *Hamotsi* e comeu pão.

Os *ashkenazim* fazem *Netilat Yadáyim* e recitam *Hamotsi* sobre a *mat-sá* sempre, durante o ano todo.

Pizza

2. Quando a massa da pizza for feita de farinha e água – como a de pão – a *berachá* da pizza será *Hamotsi*.

Quando a massa for de farinha e sucos de fruta (veja capítulo *Pat Habaá Bekisnin*, parágrafo 2, itens *a* e *b*) a *berachá* será *Mezonot*. Porém, quando o indivíduo comer pizza na quantidade (*shiur*) de *keviut seudá* (veja capítulo *Keviut Seudá*) deverá fazer *Netilat Yadáyim*, recitar *Hamotsi* antes e *Bircat Hamazon* depois.

Sonhos

3. O costume é recitar *Borê Minê Mezonot* sobre os sonhos, pois a massa é feita com a intenção de ser frita em óleo, e isso é considerado *maassê*

kederá (algo cozido e não assado).

Pastel de queijo ou de carne assados e esfiha fechada

4. Quando a massa é feita de farinha e sucos naturais (conforme esclarecido no capítulo 10, *Pat Habaá Bekisnin*, parágrafo 2, itens *a* e *b*) e ingerir menos que o *shiur* de *keviut seudá* (veja capítulo 12, *Keviut Seudá*, parágrafo 3 e conclusão), a *berachá* anterior será *Mezonot* e a posterior será *Al Hamichyá*.

Porém se a massa for igual à de pão, ou seja, farinha e água, a *berachá* anterior será *Hamotsi* e a posterior será *Bircat Hamazon*.

Pasteis bem pequenos

Quando os pastéis forem feitos bem pequenos, considera-se que foram feitos para petiscar e não para alimentar; portanto a *berachá* será *Borê Minê Mezonot*.

Wafer

5. A *berachá* sobre o *Wafer* é *Borê Minê Mezonot*. Mesmo que o indivíduo coma uma quantidade grande de *Wafer* – que em relação a outras massas seria considerado *shiur* de *ke-*


viut seudá e seria necessário *Netilat Yadáyim*, *Hamotsi* e *Bircat Hamazon* – no caso do *Wafer* isto não acontece. Isso porque a massa crua do *Wafer* é líquida e não possui “*toar lechem*”, termo usado pela *halachá* que caracteriza as massas que se assemelham ao pão.


Panquecas

6. O mesmo – que foi explicado no parágrafo anterior sobre *Wafer* – aplica-se para as *panquecas*, pois elas são feitas com massa líquida e são fritas em frigideira. Mesmo que o indivíduo coma o *shiur* de *keviut seudá*, sempre recitará antes *Borê Minê Mezonot* e depois *Al Hamichyá*, independentemente da quantidade consumida.

Porém após uma análise mais minuciosa sobre as *panquecas*, verificamos que elas são fritas em frigideira, mas em quantidade mínima de óleo, apenas para não grudar na frigideira. Por isso, quando alguém for comer *panquecas* em grandes quantidades (*shiur* de *keviut seudá*), é correto que as coma dentro de uma refeição feita com pão.

do livro “*Veten Berachá*”
de autoria do Rabino Isaac Dichi



keren Chai 

“Acho o projeto sensacional, que além de ajudar os necessitados de forma honrosa, fortalece o ato de caridade, criando o hábito de se preocupar pelo próximo de forma constante. Chizku Velmztu!”
Maurício Majtilis - Super K

“Acho o projeto muito interessante e me sinto honrada em poder participar e ajudar. É uma ideia simples e incrível! Parabéns!”
Renata Grosman - Colaboradora

“O projeto Keren Chai é super valioso para nossa comunidade. Através dele, famílias menos favorecidas podem continuar cumprindo a mitsva de comer Kasher, obtendo descontos nos supermercados e restaurantes kasher. E famílias mais favorecidas podem contribuir com uma grande mitsva de ajudar quem precisa mais. Parabéns pelo trabalho desse lindo projeto!”
Anônimo - Recebe descontos através do projeto

Doe um POUCO e ajude MUITO! Não fique de fora dessa MITSVA!

Solicite seu cartão de doação:
projetoerenchai.wix.com/kerenchai
projetoerenchai@gmail.com

Filhinho!...

O Rabino Burstyn tinha um bom amigo. Quando ele completou 81 anos de idade, foi para Israel comprar um túmulo no Monte das Oliveiras, na seção que sua mãe estava enterrada.

O homem era muito rico, dono de um hotel em Miami Beach. Ele vinha de uma família de judeus tradicionais e era um grande filantropo. Toda vez que o Rabino Jerry Burstyn, diretor da famosa universidade talmúdica da cidade, falava-lhe sobre nossa “herança” espiritual, o homem respondia: “Rabino, religião e negócios são coisas diferentes! Por favor, não as misture!”

Quando o homem fez 81 anos de idade, decidiu ir para Israel comprar um túmulo no Monte das Oliveiras, para ser enterrado ao lado de sua mãe, de abençoada memória.

Em Jerusalém, contatou o representante da Chevrá Kadishá responsável pela seção em que sua mãe estava enterrada. O representante lhe informou que toda aquela área já havia sido vendida há mais de 20 anos, mas ofereceu-se para descobrir se algum dos donos tinha interesse em vender seu terreno.

Um dia antes de sua volta a Miami, o representante ligou-lhe, muito agitado, e disse: “Um homem está casando sua filha e precisa vender seu jazigo no cemitério para pagar o casamento. Encontre-me amanhã e vou lhe mostrar o local”. Ao se encontrarem no cemitério, procuraram a fila e o número da cova, que era, adivinhem: justamente ao lado do túmulo de sua mãe! O homem olhou para a cova, olhou para o túmulo de sua mãe ali ao lado, e um arrepio correu-lhe a espinha. “Quanto ele pedir por esse pedaço de terra, eu pago!”, falou o homem para o representante.

Naquela tarde, as partes interessadas se

encontraram para fechar o negócio. O último documento colocado à frente do homem para ser assinado foi o da Chevrá Kadishá. Para ser enterrado naquele local, o pretendente deveria assinar o documento que dizia: “Pelo presente, declaro solenemente que sou *shomer mitsvot* – cumpridor dos mandamentos da *Torá*”.

Depois, o homem relatou ao Rabino Burstyn: “Senti que minha mãe estava me chamando: ‘Filhinho, está na hora de voltar para o nosso lar de *Torá* e *mitsvot*!’. Imediatamente, peguei a caneta e assinei o papel.”

Daquele dia em diante, o homem se empenhou em ser um judeu cumpridor de suas obrigações.

A essência da vida é reconhecer que D’us criou, supervisiona e sustenta o mundo. A partir disso, o homem deve se esforçar em seu aprimoramento, imitando o Todo-Poderoso, empenhando-se no *ticun olam* – o aperfeiçoamento deste mundo.

Rosh Hashaná é centrado no reconhecimento que D’us é o Rei dos reis. *Yom Kipur* focaliza o aperfeiçoamento pessoal e a melhoria do comportamento. É bem mais fácil trabalhar sobre si mesmo, corrigir os erros e imitar o Criador quando verdadeiramente sentimos Sua presença. Lembrando dessa história em *Yom Kipur*, podemos ter um dia mais significativo. Em *Yom Kipur* o Todo-Poderoso diz para cada um de nós: “Filhinho, é hora de voltar para o lar!”

Meor Hashabat Semanal

Yom Kipur

Após os dois dias de Rosh Hashaná, centralizados sobre “rosh” (a cabeça), o poder, isto é: a aceitação do jugo da realeza Divina, e após os dias intermediários, de fé e arrependimento, em Yom Kipur o judeu enraíza seus conhecimentos espirituais de Rosh Hashaná no seu coração.

Vita Gomel z”l

Os Dez Dias de Arrependimento estão relacionados com as dez *sefirot* superiores: da “Realeza” de *Rosh Hashaná* até o *Côdesh Hacodashim*, o Santo dos Santos, ligado a “*Kêter*” – a Coroa. Essas dez etapas criam um laço entre “cérebro e coração” (מח ולב – *moach valev*, 86), o que leva à revelação de *Elokim* (אלקים, 86), um dos nomes do Criador, no mundo.
 $\text{מ (40)+ח (8)+ו (6)+ל (30)+ב (2) = 86}$
 $\text{א (1)+ל (30)+ה (5)+י (10)+ם (40) = 86}$

Segundo os conceitos místicos judaicos, a palavra *zot* (זאת – isto) faz alusão à influência da realeza sobre a Terra.

Esta palavra (*zot* – זאת) alude ao nível espiritual particular do dia de *Yom Kipur*, como a *Torá* o faz ao tratar da entrada do *cohen gadol*, o sumo sacerdote, no *Côdesh Hacodashim* – o

lugar mais sagrado do *Bêth Hamicdash* (Vayicrá 16:3): “*Bezot yavô Aharon el hacôdesh* – Com isto virá Aharon ao Santuário”.

Por intermédio da *guimatriyá*, *Yom Kipur* também revela este conceito de “*zot*”. Para constatar isto, basta analisar nossos preparativos para este dia: *col* (קול – voz), a voz da oração; *mamon* (ממון – dinheiro), o dinheiro da caridade; e *tsom* (צום – jejum), o jejum associado ao arrependimento:

$\text{ק (100)+ו (6)+ל (30) = 136}$
 $\text{מ (40)+מ (40)+ו (6)+י (50) = 136}$
 $\text{צ (90)+ו (6)+ם (40) = 136}$
 Total: 3 X 136 = **408**
 $\text{י (7)+א (1)+ת (400) = 408}$

Literalmente, a palavra “*kipur*” tem o sentido de “cobertura”. Vemos isso na *Torá* quan-

do do relato acerca da construção da arca de Noach (Bereshit 6:14): "... *vechafartá otáh mibáyit umichuts bacôfer* – E untá-la-ás, por dentro e por fora com betume”.

Pela expiação (*capará*) que obtemos no dia de *Yom Kipur*, ficamos protegidos (cobertos) contra as infelicidades que poderiam abater-se sobre nós por causa de nossas eventuais faltas.

O sábio *Rav Yossef Dov Soloveitchik*, no seu livro, "*Al Hateshuvá*" (sobre o arrependimento), faz uma distinção entre "*capará*" e "*tahará*". *Capará* é uma simples proteção contra o castigo, mas não traz nenhuma mudança radical na personalidade do homem e não faz dele uma outra pessoa. O conceito de *tahará* (pureza), que está ligado ao arrependimento completo, faz penetrar na pessoa um novo sopro vital (*rúach chadashá*). Conforme explica o *Rav Soloveitchik*, "pode haver *capará* (expiação) sem *tahará* (purificação), mas não há *tahará* sem *capará*".

A raiz "*cafor*" (כפור) tem também o sentido de "fazer desaparecer", "apagar", como explica *Rashi*, o comentarista clássico da *Torá*, sobre a expressão da *Torá* (Bereshit 32:20) "*achaperá fanav*": Yaacov enviou presentes a Essav para "apagar" a ira do seu irmão.

Da mesma maneira, a *capará* simplesmente faz desaparecer o castigo, mas só a *tahará* – por meio do arrependimento – revitaliza o homem com um "novo sopro" (*rúach chadashá*), com uma nova alma. Esta ideia transparece por intermédio do valor numérico da raiz "*tôhar*" (טהר – puro), igual ao da palavra "*rúach*" (רוח – sopro, alma).

$$\text{ט (9)+ה (5)+ר (200)} = \underline{214}$$

$$\text{ר (200)+ו (6)+ח (8)} = \underline{214}$$

No fim dos tempos, o Todo-Poderoso jogará sobre o povo de Israel águas puras e o purificará, como consta em *Yechezkel* (36:24-26):

"Velacachtì etchem min hagoyim, vekibatsti etchem micol haarat-sot, vehevetì etchem el admatchem. Vezaractì alechem máyìim tehorim ut'hartem; micol tum'otechem umicol guilulechem ataher etchem. Venatati lachem lev chadash verúach chadashá eten bekirbechem vahassiroti et lev haèven mibessarchem venatati lachem lev bassar.

E Eu vos tomarei dentre as nações e vos recolherei de todas as terras e vos trarei a vossa (própria) terra. E aspergirei sobre vós águas puras e sereis puros; de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um novo coração e porei um novo sopro dentre

vós, e tirarei de vossa carne o coração de pedra e vos darei um coração de carne."

Este "novo sopro" que anima aquele que se arrepende, este impulso de *taharut* (טהרות – pureza), eleva a pessoa até o mundo superior, que é representado pelo conceito de *Kêter* (כתר – coroa).

$$\text{ט (9)+ה (5)+ר (200)+ו (6)+ת (400)} = \underline{620}$$

$$\text{כ (20) + ת (400) + ר (200)} = \underline{620}$$

Do valor numérico da palavra *Hassatan* (השטן – o anjo mau, a má inclinação), que resulta em 364, nossos sábios deduzem que em apenas um dos 365 dias do ano o Satan – o anjo mau – não tem poder – no dia de *Yom Kipur*.

$$\text{ה (5)+ש (300)+ט (9)+י (50)} = \underline{364}$$

Em *shenat hayovel* (o ano do jubileu) – que acontecia a cada cinquenta anos – libertavam-se os escravos com o toque do *shofar* do dia de *Yom Kipur*. A ligação entre a liberdade (dos escravos) e a santidade (do *Yom Kipur*) transparece no valor numérico da palavra *deror* (דרור – liberdade), igual ao da palavra *cadosh* (קדוש – santo).

$$\text{ד (4)+ר (200)+ו (6)+ר (200)} = \underline{410}$$

$$\text{ק (100)+ד (4)+ו (6)+ש (300)} = \underline{410}$$

Baseado no livro "La Guematria"

HOPE
Deseja
Shaná Tová Umtucá
Feliz 5781



Um Instante em Yom Kipur

Esta história trata de vozes, corações e lágrimas.

Reb Alexander era filho do grande chazan de Varsóvia, Reb Binyamin, que também era descendente de outros famosos chazanim.

Enquanto não teve um filho, apesar da voz extraordinária, Reb Alexander não aceitou ser chazan. Em sua família, o costume era que o filho do chazan ajudava-o a se levantar depois de ajoelhar-se no Sêder Haavodá em Yom Kipur. E quem o ajudaria?

Com a chegada do pequeno Shloimele, tudo mudou – e mudaria novamente vinte anos depois...

Chayim Walder

Somente um ano depois do nascimento de seu filho primogênito, *Reb Alexander* concordou em servir como *chazan* nos *yamim noraim*.

Antes disso, a cada ano os frequentadores da sinagoga lhe pediam que concordasse em aceitar o cargo. Sabiam que ele pertencia a uma família famosa de *chazanim*, que pereceu no Holocausto. Seus vizinhos de assento costumavam ouvir, com os olhos fechados, suas preces agradáveis – apesar de serem ditas em voz baixa. Sabiam que tinham entre eles um *chazan* especial. Porém, ele se recusava todos os anos. “Como poderei ser *sheliach tsibur* (oficiante) no *Sêder Haavodá*, como poderei fazer o trecho ‘*coreim*’ (e nós nos curvamos), se *Hashem* não me deu filhos para levantarem-me?”, costumava dizer.

Parece que havia um costume antigo em sua família, de acordo com o qual, um dos filhos rezava ao lado do pai, ajudava-o na *tefilá* e nas antigas melodias que passavam de geração em geração. Além disso, a principal incumbência do filho era ajudar o pai a se levantar, depois de ter se ajoelhado no *Sêder Haavodá*, no trecho “*coreim*”.

Já que *Reb Alexander* teimava em sua recusa, dizendo que só seria *chazan* se tivesse um filho, os frequentadores da sinagoga se consolavam de outra forma. Como *Reb Alexander* orava com muita concentração e de olhos fechados, não percebia que muitos congregantes tentavam ouvir suas canções e preces particulares. Às vezes, ouviam-no lembrar-se dos dias em que acompanhava seu pai, o grande *chazan Reb Binyamin*. Nesse momento, esquecia-se de que estava num local público, que não tinha filhos e que havia um outro *chazan* além dele.

Reb Alexander não sabia que

muitos dos frequentadores oravam para que ele ganhasse um filho. Também não sabia que muitos vinham de longe ao *bêt hakenêset* “*Or Meir*” nos *Yamim Noraim* (Dias Temíveis) só para ouvir sorratamente suas belíssimas preces.

Certa noite, mais precisamente na terceira vela de *Chanucá*, D’us lembrou-se de *Reb Alexander* e de sua esposa – e de todo o público que orara por ele. Eles tiveram um filho.

Então, dez meses depois, em *Yom Kipur*, *Reb Alexander* dirigiu-se à *tevá* e começou a oração. Todos os lugares estavam ocupados. Os presentes escutaram melodias nunca ouvidas por eles. Muitos choraram.

Chegou o trecho “*Vehacohanim*”, no *Sêder Haavodá* de *Mussaf*. A congregação percebeu que *Reb Alexander* estava esperando alguma coisa acontecer. Foi um minuto que durou uma eternidade, e então... ouviu-se um choro de bebê dos fundos da sinagoga. O carrinho do bebê Shelomô, filho de *Reb Alexander*, foi trazido pelo *gabay*, que o colocou ao lado do *chazan*.

Só então, *Reb Alexander* começou a entoar a melodia “*Vehacohanim*”, de forma nunca antes ouvida pelo público. Era um canto mágico, que fazia com que os ouvintes imaginassem os *cohanim* e o povo emocionados no momento que o Nome Sagrado de D’us saía da boca do *cohen gadol* no Templo Sagrado.

“*Hayu coreim*”, cantou *Reb Alexander*, e ajoelhou-se perante a *tevá*. Encostou sua testa no chão e demorou-se lá até que todos tivessem se levantado. *Reb Alexander* segurou a pequena mãozinha do bebê de nove meses e puxou-se para cima, como se o pequeno Shloimele o tivesse levantado.

Os frequentadores acharam um

tanto estranho, mas não perguntaram nada. A cena repetiu-se no *Yom Kipur* seguinte com o nenê em um carrinho com assento. Depois de dois anos, o pequeno Shloimele estava convencido de que foi ele quem conseguiu levantar seu pai, que “caíra” de repente.

Aos quatro anos, Shloimele tinha uma cadeirinha só sua ao lado da *tevá*. Quando não estava brincando lá fora, ele cantava baixinho algumas melodias acompanhando seu pai. Aos sete anos, já tinha uma mesinha. Ele conhecia quase todas as melodias, e sabia levantar seu pai do “*coreim*”, embora entendesse que *Reb Alexander* se levantava com suas próprias forças.

Quando Shelomô chegou à idade de *mitsvot*, toda a congregação já sabia que a voz maravilhosa do pai passara como herança para o filho. “Agora posso morrer em paz”, disse *Reb Alexander*. “A dinastia familiar não foi partida. Shloimele continuará o meu caminho, com a ajuda de D’us.”

Shelomô tornou-se um rapaz. Seus braços foram se tornando musculosos e fortes – há quem diga que foi graças ao esforço anual de levantar seu pai no “*vaanáchnu coreim*”. Ao atingir 16 anos, dava para ver que *Reb Alexander* quase não fazia força para se levantar, mas era levantado por seu filho.

Reb Alexander nunca comentou com seu filho sobre o estranho costume da família, mas um rapaz inteligente como ele sabia que precisava fazer aquilo, e que era algo de extrema importância. Pai e filho, *chazan* e “vice-*chazan*”, ano após ano oravam juntos. Suas vozes se entrelaçavam de forma harmoniosa, como se saíssem de um só coração.

Mas os dias mudaram. Chegaram dias duros e tristes. Shelomô come-

AUTO CADIMA
MULTIMARCAS

Rahmo Dayan e Edy Dayan

Seu carro está aqui!
3333-1333

As Melhores Ofertas em "0Km" com garantia oficial de fábrica

Novo Endereço

Al. Barão de Limeira, 526 • autocadima@gmail.com
94642-8881 • Telefax: 3333-1322

KADUR
by Optimist

Deseja sucesso para toda a Kehilá!

www.kadur.com.br

Albert Choueke e família

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada Torá

IPL
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.

IP

Variedades II

çou a fazer amizades com rapazes que não se pareciam com ele, que não cumpriam *mitsvot*, que não sabiam rezar.

Reb Alexander chamou seu filho, que contava vinte anos. Tiveram uma conversa áspera. O pai expulsou seu filho, declarando: “Você não é mais meu filho! Não quero vê-lo nunca mais!”

Shelomô tirou a *kipá* e foi fazer ouvir sua voz em teatros e apresentações. Seu pai não queria nem ouvir falar dele. De nada adiantaram as súplicas de sua esposa e de seus parentes. Seus amigos tentaram admoestá-lo, dizendo que estava errado em afastar o filho daquele jeito. “Eles não entendem”, dizia *Reb* Alexander, “não entendem nada.”

Yom Kipur chegou. *Reb* Alexander aproximou-se da *tevá*. Não era a mesma pessoa que todos conheciam, mas sim, sua sombra. Sua barba ficara branca, seu rosto, encovado. Sua voz continuava linda, mas triste. Naquele *Yom Kipur* ele rezou como nunca, chorou como nunca, cantou como nunca cantara. Um velho, o mais velho da sinagoga, disse: “Esta. Esta é a voz de *Reb* Binyamin, o grande *chazan* de Varsóvia.”

Finalmente, o *chazan* chegou ao *Sêder Haavodá*. Ele começou a cantar. Sua voz foi se quebrando, até chegar ao “*vehacohanim*”.

Ele parou, apoiou-se na *tevá* e fechou os olhos. O público suspendeu a respiração.

Então, ouviu-se um barulho lá atrás. Um homem aproximou-se da *tevá* com uma *kipá* provisória sobre longos cachos.

Era Shelomô.

Postou-se ao lado de seu pai; mas ele nem o cumprimentou com a cabeça. Começou a cantar o trecho “*vehacohanim*”. De repente, ouviu-se a voz do filho acompanhando. “Ahá ahá ai

ai”, cantou Shelomô.

“*Keshehayu shomeim...*” cantou *Reb* Alexander. “*Yotsê mipi cohen gadol*” cantaram juntos. E, como sempre, *Reb* Alexander continuou cantando num tom grave enquanto Shelomô cantou num tom agudo: “*bicdushá vutahorá*”.

“*Hayu coreim*”.

Todo o público ajoelhou-se. Depois, apressou-se em ficar de pé, para assistir à cena mais terrível. Shelomô segurou seu pai para levantá-lo. Mas quando ele ficou de pé, empurrou-o, como se dizendo: “Você não é meu filho”, e continuou sua oração.

Toda a congregação chorou. Shelomô pareceu envergonhado e humilhado. Virou-se e foi de encontro à porta.

Nos anos seguintes, a cena se repetia. Shelomô entrava no *Sêder Haavodá*, acompanhava seu pai nas melodias, ajoelhava-se com ele, levantava-o, era empurrado para trás e saía. Todos choravam. Não conseguiam esquecer os pequenos segundos antes do empurrão. As vozes quebradas do pai e do filho saindo de um só coração – partido em cacos.

Shelomô ficou famoso nos palcos. Casou-se, teve um filho, e passou a levá-lo ao *Bêt Hakenêset*. Primeiro num carrinho, depois andando. O menino também foi crescendo, sem nunca ter falado com seu avô. Ele não entendia direito o que estava acontecendo, pois aquele mundo lhe era totalmente estranho.

Quanto a *Reb* Alexander, este estava sofrendo muito. Às vezes chorava, coisa que nunca fizera antes fora das orações. Outras, ficava sentado em casa, com o olhar perdido, sem chorar, sem falar e quase sem comer.

Num certo ano, em *Yom Kipur*, alguns amigos de Shelomô decidiram ir assisti-lo na sinagoga. Ao verem a

dura cena do pai empurrando o filho, da congregação chorando, dos soluços que vinham da ala feminina, entenderam que aquilo não era nada simples. Eles saíram chocados: “Como você pode aturar uma coisa dessas?”, criticaram.

No ano seguinte, Shelomô apareceu novamente. Ele já estava com 38 anos, e seu pai, com 72. Há 18 anos que não se falavam, à exceção do estranho encontro anual, quando o pai empurrava o filho. Naquele ano, como sempre, Shelomô estava preparado para levar o empurrão.

Novamente uma nuvem de tristeza desceu sobre a congregação e as vozes do pai e do filho se entrelaçaram. Quando chegou a hora do “coreim”, Reb Alexander demorou-se muito no chão. Shelomô sentiu que alguma coisa estava errada. Levantou-o e viu em seu rosto algo que não vira nos 18 anos anteriores. Eles ficaram de pé por um momento, coração perante coração. Então Shelomô gritou: “Tragam um médico!”, e colocou seu pai no chão.

Pela primeira vez Shelomô chorou. Lá, sentado no chão, ao lado do pai que estava sendo socorrido, não precisou de nenhum médico para saber que seu pai não estava mais entre os vivos.

Na festa de *Sucot*, Shelomô foi ao *Bêt Hakenêsset* para recitar o *Cadish*. Na imprensa começaram a aparecer notícias sobre o famoso ator que estava voltando às suas raízes. Seus melhores amigos, artistas, atores e repórteres, foram visitá-lo para “sacudi-lo”, para dar-lhe conselhos. Após ouvir suas palavras, Shelomô retrucou: “Vocês não entendem nada! Vocês acham que meu pai não gostava de mim?”

“Gostava tanto que o empurrava e o humilhava todo ano!”, exclamou

um amigo.

“Talvez você não saiba”, disse Shelomô, “mas um pouco antes daquele empurrão humilhante, papai se segurava em mim durante uma fração de segundo. Ninguém via isso. Era um momento só nosso. Nós dois sabíamos que se eu não o segurasse naquele instante, ele cairia no chão.”

“Papai se segurava em mim, vocês estão entendendo?”, soluçou Shelomô. “Papai me indicava que ainda precisava de mim. É verdade que estava aborrecido comigo e até sem esperanças, mas ainda precisava de mim. E eu sabia que ele precisava de mim para continuar a dinastia familiar”, chorou Shelomô. “A cada ano, naquele pequeno instante, papai me dizia tudo o que silenciara durante o ano. Vocês pensam que eu me recusaria a ajudá-lo naquele instante tão importante para ele?”

No *Yom Kipur* do ano seguinte havia na *tevá* um novo *chazan* na congregação – *Reb Shelomô*.

Ao seu lado estava seu filho, que cantava junto. Ele sabia as melodias muito bem, pois acompanhara seu pai e seu avô durante muitos anos.

Seu pai nunca lhe falara sobre isso, mas um rapaz inteligente como ele sabia muito bem, que precisava estar ao lado do pai para levantá-lo do “coreim”. Compreendia que se tratava de algo muito importante.

Quando os dois estavam de pé, coração perante coração, o rapaz forte segurou seu pai, molhado de lágrimas, por alguns instantes após tê-lo erguido. Depois, enquanto os dois cantavam em harmonia a antiga melodia, toda a congregação caiu em prantos, como em todos aqueles anos.

**Do livro “Simu Lev el Haneshamá”
Tradução de Guila Koschland Wajnryt.
Permissão exclusiva para a Nascente.**

VRASALON®
DESDE 1968

*Deseja
grande sucesso
espiritual e material para
todo Am Yisrael!*

www.vrasalon.com.br

Menahem S. Khafif e Família

*Desejam muito sucesso
para a Congregação
em todos os seus
empreendimentos.*

GRUPO
line OUTSOURCING
DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica. Colocamos impressoras em comodato a custo zero.

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras.

Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa.

Retiramos e entregamos sem nenhum custo.

Televendas: 3331-3831
www.gpline.com.br

KALIMO

*Parabeniza a Congregação pela
divulgação dos valores judaicos.*

Pensamentos

Ao dar um conselho, procure ajudar,
e não agradar ao seu amigo.

A melhor solução para pequenos problemas
é ajudar com grandes problemas!

Não conte os dias, faça seus dias contarem!

Uma ferida ruim pode sarar,
mas um mau nome pode matar!

CAMESA
a cara da sua casa

PARABENIZAMOS A CONGREGAÇÃO
PELA DIVULGAÇÃO DOS VALORES JUDAICOS

SAC: 11 2431 5000

www.camesa.com.br

[f camesa.ltda](https://www.facebook.com/camesa.ltda)

[@camesaoficial](https://www.instagram.com/camesaoficial)

Vitaminas

As vitaminas são um grupo de nutrientes orgânicos (que contêm carbono) precursoras de substâncias que têm uma participação vital em muitas das reações químicas de nossas células.

Elas são essenciais em pequenas quantidades para o metabolismo e crescimento normais e para o bem-estar físico. Por serem necessárias em quantidades muito pequenas, são chamadas também de “micronutrientes”. Sua classificação baseia-se na solubilidade de cada uma:

Lipossolúveis (solúveis em gorduras): vitaminas A, D, E e K.

As vitaminas lipossolúveis requerem a presença de gordura para serem absorvidas pelo trato intestinal.

Dessa forma, indivíduos com distúrbio na absorção de gorduras podem desenvolver sintomas de deficiência, apesar de receberem quantidades adequadas de uma determinada vitamina por meio da alimentação. Por outro lado, quando ingeridas em alta dosagem podem se acumular no organismo com riscos de toxicidade.

Hidrossolúveis (solúveis em água): Complexo B – entre elas Ácido Fólico, Ácido Pantotênico e Biotina – e vitamina C.

As vitaminas hidrossolúveis são mais facilmente absorvidas do que as vitaminas lipossolúveis, visto que no intestino há uma grande quantidade de líquidos.

Em contrapartida, as deficiências podem se desenvolver mais rapidamente, porque o organismo armazena vitaminas hidrossolúveis somente em pequenas quantidades.



TABELA DE

VITAMINA	FUNÇÃO	SUA FALTA PROVOCA
A (Retinóis em produtos de origem animal e betacaroteno em produtos de origem vegetal)	Tem efeitos anticancerígenos, combate as doenças de pele e previne/reverte o envelhecimento da pele, melhora a visão, aumenta a resistência aos agentes infecciosos e acelera a cicatrização de lesões.	Problemas de pele, atraso no crescimento, perda de peso, cegueira noturna.
B1 (ou tiamina)	Auxilia no metabolismo dos carboidratos, favorece a absorção de oxigênio pelo cérebro, equilibra o sistema nervoso e assegura o crescimento normal.	Depressão e modificações de humor, perda de apetite, náusea, câibras musculares. Em casos extremos, degeneração muscular e beribéri.
B2 (ou riboflavina)	Conserva os tecidos, principalmente os do globo ocular, protege os atletas das lesões oxidativas.	Dermatite seborréica, lesões nas mucosas, principalmente nos lábios e narinas, fotofobia.
B6 ou piridoxina	Essencial para o metabolismo de proteínas, importante no funcionamento do sistema nervoso e imunológico e na produção de glóbulos vermelhos.	Dermatite, inflamação da pele e das mucosas, retardo mental, convulsões.
B12 (ou cianocobalamina)	Colabora na formação dos glóbulos vermelhos e na síntese do ácido nucléico.	Anemia, irritabilidade, distúrbios gástricos, depressão nervosa.
C (ou ácido ascórbico)	Conserva os vasos sanguíneos e os tecidos, ajuda na absorção do ferro, aumenta a resistência às infecções, favorece a cicatrização e o crescimento normal dos ossos.	Escorbuto, problemas na gengiva e na pele, fragilidade capilar, hemorragias.
D	Fixa o cálcio e o fósforo em dentes e ossos e é muito importante para crianças, gestantes e mães que amamentam.	Raquitismo, cáries, descalcificação.
E (tocoferóis)	É um potente antioxidante. Previne danos na membrana celular e aumenta a absorção de vitamina A. Protege as hemácias, atua na manutenção do tecido epitelial. É essencial à implantação e desenvolvimento da placenta anti-agregante plaquetário.	Pode causar disfunções neurológicas e musculares. Em recém nascidos a sua falta pode causar anemia hemolítica. Em animais, como os ratos, interfere na produção de células sexuais, causando esterilidade.
H (ou biotina)	Essencial para obtenção de energia no metabolismo energético.	Depressão, sonolência, dores musculares, anorexia, descamação da pele.
K	Auxilia na produção de protrombina, um composto necessário na coagulação sanguínea normal.	Aumento no tempo de coagulação do sangue, hemorragia.
Ácido fólico	Atua na formação dos glóbulos vermelhos.	Anemia megaloblástica, alteração na medula óssea, distúrbios intestinais, lesões nas mucosas.
B3 ou niacina (ácido nicotínico)	Atua na obtenção de energia e de forma geral no metabolismo das proteínas, lipídeos e carboidratos.	Pelagra (doença que causa problemas digestivos, nervosos e mentais).
Ácido pantotênico	Essencial no metabolismo energético, sendo que é elemento constituinte da acetil CoA.	Fadiga, fraqueza muscular, perturbações nervosas, anorexia, diminuição da pressão sanguínea.

VITAMINAS



SEU EXCESSO PROVOCA	FONTES	RECOMENDAÇÕES
Dor e fragilidade óssea, hidrocefalia e vômitos em crianças, pele seca com fissuras, unhas frágeis, perda de cabelo, gengivite, anorexia, irritabilidade, fadiga, hepatomegalia e função hepática anormal.	Retinóis: fígado, salmão e outros peixes de água fria, gema de ovo. Betacaroteno: espinafre, abóbora, cenoura, mamão, laranja.	Homens: 1000mcg R.E Mulheres: 800mcg R.E
Não conhecido.	Cereais integrais, miúdos, nozes, lentilha, soja, gema de ovo.	Homens: 1,5mg Mulheres: 1,1mg
Não conhecido.	Visceras, espinafre, beringela, leite e seus derivados.	Homens: 1,7mg Mulheres: 1,3mg
Insônia.	Carne de boi, fígado, cereais integrais, levedo de cerveja, banana, abacate.	Homens: 2mg Mulheres: 1,6mg
Interfere na ação farmacológica de drogas anticonvulsivas.	Fígado e rim de boi, peixe, ovo, aveia, queijos.	Homens: 2mcg Mulheres: 2mcg
Formação de cálculos de urato, cistina e oxalato (+ de 9 g/dia).	Frutas cítricas e vegetais frescos, acerola, mamão, abacaxi, goiaba, caju, tomate, pimentão, agrião, alface, espinafre.	Homens: 60mg Mulheres: 60mg
Calcificação óssea excessiva, cálculos renais, cefaléia, fraqueza, vômitos, náusea, constipação, poliúria, polidipsia.	Óleo de fígado de peixe, leite, manteiga, gema de ovo, salmão, atum.	Homens: 5mcg Mulheres: 5mcg
Efeito anticoagulante e prolongamento do tempo de coagulação sanguínea.	Germe de trigo, nozes, carnes, amendoim, gema de ovo, óleo, vegetais de folhas verdes.	Homens: 10mg Mulheres: 8mg
Não conhecido.	Fígado e rim de boi, gema de ovo, batata, banana, amendoim.	Homem/Mulher: 30-100mcg (faixa considerada segura e adequada)
Anemia hemolítica, hemicterus em crianças.	Fígado, leite, iogurte, ovo, nabo, verduras.	Homens: 80mcg Mulheres: 65mcg
Interfere na ação farmacológica de drogas anticonvulsivas.	Carnes, fígado, leguminosas, vegetais de folhas escuras, banana, melão, cenoura, gema, levedo.	Homens: 200mcg Mulheres: 180mcg
Formigamento e enrubecimento da pele, sensação de latejamento na cabeça.	Levedo, fígado, rim, coração, ovo, cereais integrais, amendoim, peixe.	Adultos: 13 a 19mg Crianças: 9 a 13mg Bebês: 5 a 6mg
Não se conhecem efeitos tóxicos sérios, mas a ingestão de grandes quantidades pode causar diarreia.	Fígado, rim, carnes, salmão, gema de ovo, brócolis, trigo integral, batata, vegetais.	Homens/Mulheres: 4,7mg

Referências Bibliográficas:

1. Alimentos Saudáveis, Alimentos Perigosos guia prático para uma alimentação rica e saudável, Editora Reader's Digest, 1ª ed, abril, 1998.
2. BALCH, James F.; BALCH, Phyllis A.; Receitas para a Cura através dos Nutrientes, Rio de Janeiro: Campus, 1995.
3. HENDLER, Sheldon Saul. A enciclopédia de vitaminas e minerais, Rio de Janeiro: Campus, 1994.



Cheiros

Alho da boca: O hálito a alho ou cebola é facilmente anulado mastigando-se um grão de café, uma folhinha de hortelã fresca, um pedaço de casca de limão ou de laranja.

Alho das mãos I: Para tirar o cheiro de alho das mãos, esfregue alguns talos de salsinha nelas.

Alho das mãos II: Corte um limão ao meio e esfregue as mãos no limão durante uns minutos. Depois lave com sabonete sólido ou líquido.

Alho das mãos III: Passe um pouco de polpa de batata ralada nas mãos e depois lave-as normalmente.

Alho e cebola das mãos: Depois de lavadas e enxutas, borrife-as com gotas de essência de baunilha. O odor desaparecerá imediatamente.

Casa: Para tirar o mau cheiro da casa, asse cascas de laranja ou de limão. Em pouco tempo terá um ambiente perfumado.

Cozinha: Se a cozinha estiver com cheiro forte de fritura, encha um copo com vinagre e coloque-o sobre a geladeira ou armário.

Frigorífico, plásticos: Para tirar

o cheiro forte do frigorífico ou de vasilhames de plástico, lave-os com bicarbonato de sódio diluído num pouco de água. No caso dos vasilhames, deixe-os mergulhados nessa solução durante algum tempo.

Frituras: Para evitar que o cheiro das frituras se espalhe, ferva ao mesmo tempo na outra boca do fogão uma panelinha com alguns pedaços de cascas de laranja. Deixe em fogo brando para que dure todo o tempo das frituras.

Geladeira I: Para retirar o cheiro desagradável da geladeira, é só colocar algumas folhas de louro dentro dela.

Geladeira II: Outra sugestão para retirar cheiros fortes da geladeira é colocar um pires com um pouco de pó de café.

Geladeira III: Para amenizar os cheiros da geladeira também se pode utilizar cascas de ovos. Por serem porosas, elas absorvem com facilidade os cheiros.

Mãos: Para tirar cheiros em geral das mãos, especialmente o cheiro de

peixe, alho, cebola e outros, basta lavar as mãos em água corrente abundante, usando um objeto de aço inoxidável (uma colher pequena, uma faca) como se fosse uma barra de sabão. O cheiro desaparece como por mágica. Não use detergente, sabão ou outros produtos semelhantes, pois fixam ainda mais os cheiros.

Microondas: Para retirar odores do microondas, limpe o interior com um pano embebido numa solução de bicarbonato de sódio e água morna.

Peixe da pia: Para eliminar o cheiro de peixe da pia, esfregue um pedaço de limão em toda ela.

Peixe do recipiente: Para eliminar o cheiro de peixe do recipiente, lave-o com água, esfregando com uma esponja embebida em álcool.

Repolho I: Salpicar uma colherada de suco de limão sobre a água em que se cozinha o repolho evita o cheiro forte.

Repolho II: Para evitar o odor do repolho, basta colocar uma fatia de pão na água do cozimento. Depois de cozido retire o pão.

Mash.

Por ocasião de Rosh Hashaná deseja
shaná tová umtucá para
toda a comunidade

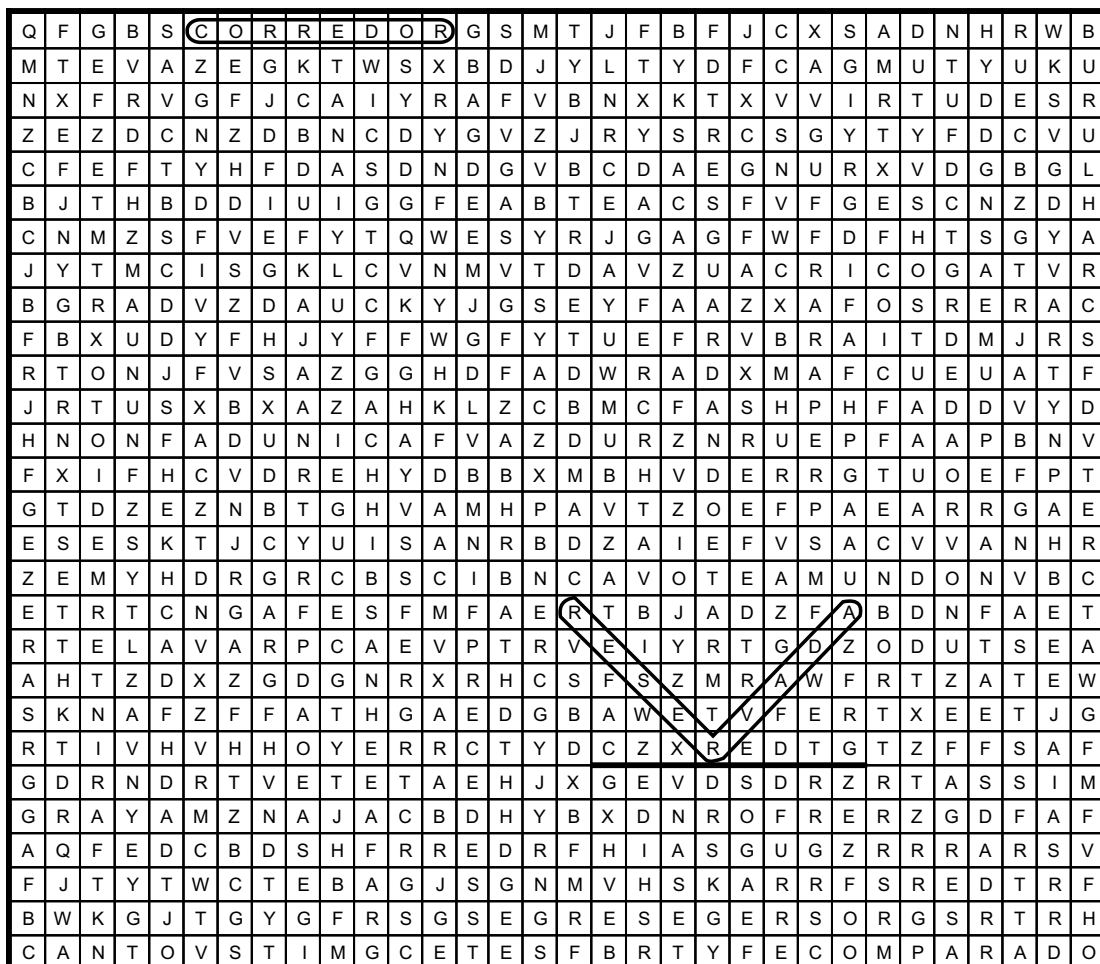
A Família Stereinfeld

*Deseja Shaná Tová
Umtucá
para toda a
kehilat Meqor Haim*

Pega Palavra

*Encontre no diagrama as palavras destacadas em **negrito** no texto abaixo. As palavras se encontram em linhas retas em todas as direções: horizontal, vertical e diagonal, em ordem direta ou inversa. Na busca, as palavras não podem ultrapassar a barreira, mas podem rebater nela.*

Há uma **única forma** de se **preparar neste mundo** – que é **comparado** a um **corredor** que **precede** o Mundo **Vindouro**: por **intermédio** da aquisição de **virtudes**, do **cumprimento** das **mitsvot** e do **estudo** da Torá. Só **assim** o **indivíduo** estará **resguardando** a **parte** que lhe está **reservada** no Mundo Vindouro.

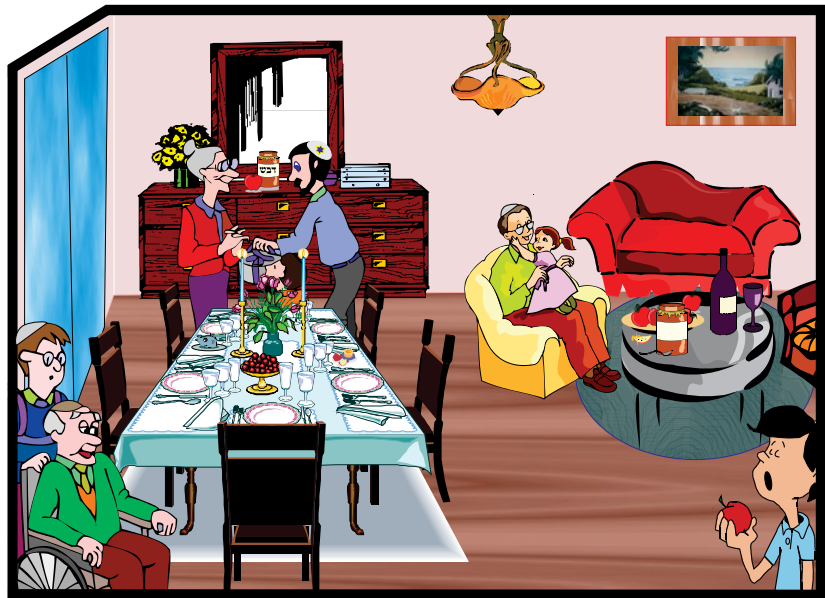
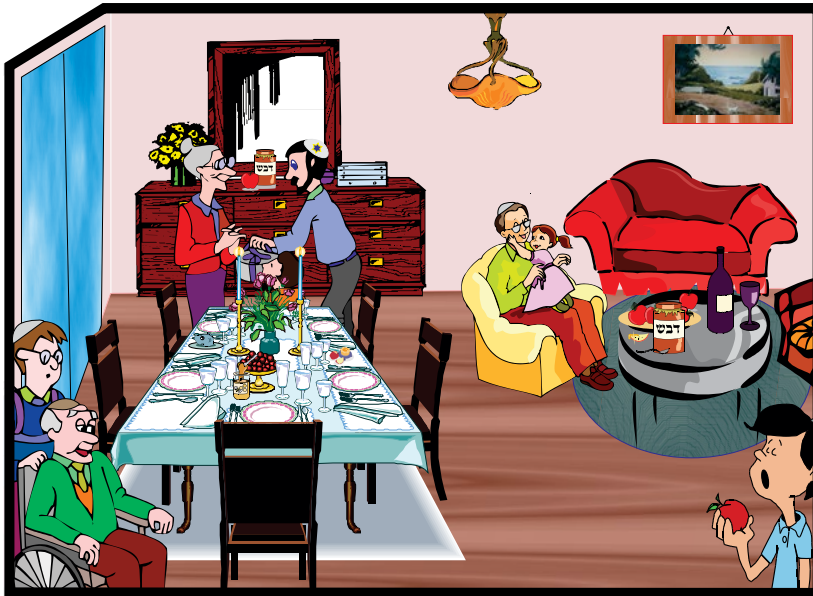


CENA MALUCA

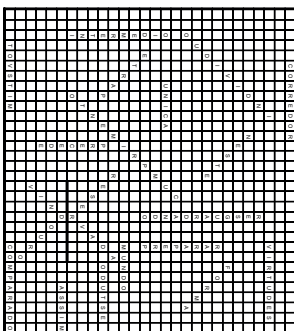
Há sete coisas estranhas nesta cena. Você consegue encontrá-las?



7 JOGO DOS ERROS



Respostas:



ROSH HASHANÁ

Sábado e Domingo, 19 e 20 de setembro.

Os dois dias de Rosh Hashaná são dias de julgamento, quando a sorte dos seres humanos é decidida para a vida, saúde, bom sustento e alegria ou, D'us nos livre, para o contrário.

Nestes dois dias, a Torá nos ordena ouvir os toques do shofar (chifre de carneiro) a fim de despertar-nos do nosso sono, da nossa indiferença e fazer-nos voltar ao caminho de D'us. Neste ano não se toca o shofar no primeiro dia de Rosh Hashaná por coincidir com o Shabat. Há quem costume fazer a oração de Tashlich após Minchá do primeiro dia e há quem a postergue para o segundo dia.

JEJUM – TSOM GUEDALYÁ

Segunda-feira, 21 de setembro.

Início: 4h46m - Término: 18h32m.

O governador Guedalyá, filho de Achicam, foi morto, o que marcou a extinção da "última brasa" judaica em Israel e levou ao exílio.

SHABAT SHUVA

Dia 26 de setembro.

O Shabat entre Rosh Hashaná e Yom Kipur, no qual se lê uma haftará especial – Shuva Yisrael.

BIRCAT HALEVANÁ

PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Noite de quinta-feira, dia 24 de setembro, a partir das 18h33m (horário para São Paulo).

Final: Sexta-feira, dia 2 de outubro, até as 4h00m (horário para São Paulo).

VÉSPERA DE YOM KIPUR

Domingo, dia 27 de setembro.

Não se recita Tachanun em Shachrit e Minchá.

YOM KIPUR

Segunda-feira, dia 28 de setembro.

Início: Domingo, 27 de setembro, às 17h44m.

Término: Segunda-feira, 28 de setembro, às 18h42m.

Este dia sagrado foi destinado ao perdão e purificação do Povo de Israel. Devemos nos empenhar em fazer teshuvá a fim de merecermos a misericórdia Divina.

Todos os judeus, homens a partir de treze anos e mulheres a partir de doze anos, são obrigados a jejuar neste dia – desde vinte minutos antes do pôr-do-sol da véspera, até depois do aparecimento das estrelas da noite seguinte – e guardar a santidade do dia, cujos preceitos são iguais aos do Shabat, além de abster-se de:

- Comer e beber (qualquer quantidade). O doente deve consultar um rabino sobre a maneira de alimentar-se.
- Calçar sapatos de couro (os de borracha, tecido ou plástico são permitidos).
- Usar cosméticos, perfumes e untar-se com óleos ou cremes.
- Lavar-se (exceto partes do corpo que ficam sujas).
- Manter relações conjugais.

A partir de Yom Kipur, até o fim do mês, não se fala Tachanun.

SUCOT

De Sábado, 3 de outubro, até sexta-feira, 9 de outubro.

A Torá nos ordena transferir nossa residência nos sete dias de Sucot para uma morada provisória, coberta de folhagens. Esta cabana precisa ser construída ao ar livre, debaixo do céu, e ter, ao menos, três paredes de no mínimo 1 metro de altura. Outro mandamento de Sucot é segurar os arbaát haminim (as quatro espécies) todos os dias, exceto Shabat.

Yamim Tovim - os dois primeiros dias: sábado e domingo, 3 e 4 de outubro.

Chol Hamoed - os dias intermediários: 5 de outubro a 8 de outubro.

Hashaná Rabá - sexta-feira, 9 de outubro.

Na noite de Hoshaná Rabá, quinta-feira, dia 8 de outubro, e madrugada do dia 9, costuma-se ficar acordado estudando o "ticun" dedicado a este dia.

No Shachrit, costuma-se dar sete voltas ao redor da bimá segurando os arbaát haminim e acrescenta-se partes específicas na tefilá, conforme consta no machzor.

SHEMINI ATSÊRET E SIMCHAT TORÁ

Yamim Tovim - sábado e domingo, 10 e 11 de outubro.

Shemini Atsêret é um yom tov independente de Sucot. Nas duas noites de Shemini Atsêret, 10 e 11 de outubro, deve-se recitar Shehecheyánu no Kidush. Fora de Êrets Yisrael senta-se na sucá durante todo o primeiro dia de

Shemini Atsêret, porém não se faz a berachá de Leshev Bassucá. A partir de Mussaf do primeiro dia de Shemini Atsêret começa-se a recitar mashiv harúach nas Amidot.

No segundo dia de Shemini Atsêret, denominado Simchat Torá, não se pode mais sentar na sucá.

Em Simchat Torá, 11 de outubro, termina-se e recomeça-se imediatamente a leitura da Torá.

Isto é comemorado fazendo-se as hacafot, voltas em torno da bimá, segurando a Torá e dançando com grande alegria no dia e na véspera.

MASHIV HARÚACH

Dia 10 de outubro.

Começa-se a recitar mashiv harúach nas Amidot a partir de Mussaf do primeiro dia de Shemini Atsêret.

Cheshvan ⁵⁷⁸¹ | 19 de Outubro de 2020 a
16 de Novembro de 2020

ROSH CHÔDESH

Domingo e segunda-feira, dias 18 e 19 de outubro.

Não se fala Tsidcatechá em Minchá na véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Sexta-feira, 23 de outubro, a partir das 22h23m (horário para São Paulo).

Final: Sábado, 31 de outubro, até as 04h10m (em São Paulo).

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

18 de setembro - 17h41m	09 de outubro - 17h49m
19 de setembro - a partir de 18h41m	10 de outubro - a partir de 18h49m
25 de setembro - 17h43m	16 de outubro - 17h52m
27 de setembro - 17h44m	23 de outubro - 17h55m
02 de outubro - 17h46m	30 de outubro - 17h59m
03 de outubro - a partir de 18h46m	06 de novembro - 18h03m

PARASHAT HASHAVUA

12 de setembro - Parashat: Nitsavim / Vayêlech	Haftará: Sôs Assis Bashem
19 de setembro - Parashat: Vashem Pacad Et Sará (Rosh Hashaná)	Haftará: Vayhi Ish Echad
26 de setembro - Parashat: Haazínu	Haftará: Shuva Yisrael
03 de outubro - Parashat: Shor o Chessev (Sucot)	Haftará: Hinê Yom Bá Lashem
10 de outubro - Parashat: Asser Teasser (Shemini Atsêret)	Haftará: Vayhi Kechalot Shelomô
17 de outubro - Parashat: Bereshit	Haftará: Cô Amar Hakel
24 de outubro - Parashat: Noach	Haftará: Roni Acará
31 de outubro - Parashat: Lech Lechá	Haftará: Lama Tomar Yaacov

HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit: De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin),

06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos sábados - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infanto-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.

Minchá: De domingo a quinta - 30 min. antes do pôr do sol.

Arvit: De domingo a quinta - 10 min. antes do pôr do sol.

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT	
18 de setembro - 17h41m	19 de setembro - 16h55m	25 de setembro - 17h43m	26 de setembro - 16h55m
02 de outubro - 17h46m	03 de outubro - 17h00m	09 de outubro - 17h49m	10 de outubro - 17h05m
16 de outubro - 17h52m	17 de outubro - 17h05m	23 de outubro - 17h55m	23 de outubro - 17h10m
30 de outubro - 17h59m	30 de outubro - 17h10m	06 de novembro - 18h03m	06 de novembro - 17h15m
13 de novembro - 18h07m	13 de novembro - 17h20m	20 de novembro - 18h12m	20 de novembro - 17h25m

TABELA DE HORÁRIOS TISHRI / CHESHVAN 5781

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset	
Setembro	19	4:52	5:10	6:00	8:16	8:27	9:00	9:23	10:00	12:00	12:31	12:47	13:01	16:46	17:01	18:01
	20	4:51	5:09	5:59	8:15	8:27	9:00	9:23	10:00	12:00	12:31	12:47	13:01	16:47	17:02	18:02
	21	4:50	5:08	5:58	8:14	8:26	8:59	9:22	9:59	12:00	12:30	12:47	13:00	16:47	17:02	18:02
	22	4:49	5:07	5:57	8:14	8:25	8:58	9:22	9:59	12:00	12:30	12:46	13:00	16:46	17:02	18:02
	23	4:48	5:06	5:56	8:13	8:25	8:58	9:21	9:58	12:00	12:30	12:46	13:00	16:47	17:03	18:03
	24	4:46	5:05	5:55	8:12	8:23	8:57	9:20	9:58	11:59	12:29	12:46	13:00	16:47	17:02	18:03
	25	4:45	5:03	5:53	8:11	8:22	8:56	9:19	9:56	11:58	12:28	12:45	12:59	16:47	17:02	18:03
	26	4:44	5:02	5:52	8:10	8:22	8:55	9:19	9:56	11:58	12:28	12:45	12:59	16:48	17:03	18:04
	27	4:43	5:01	5:51	8:10	8:21	8:54	9:18	9:55	11:58	12:28	12:45	12:59	16:48	17:03	18:04
	28	4:42	5:00	5:50	8:09	8:20	8:54	9:18	9:55	11:57	12:28	12:44	12:58	16:48	17:03	18:04
29	4:41	4:59	5:49	8:08	8:20	8:53	9:17	9:54	11:57	12:28	12:45	12:58	16:48	17:04	18:05	
30	4:40	4:58	5:48	8:08	8:19	8:52	9:17	9:54	11:56	12:27	12:44	12:58	16:48	17:04	18:05	
Outubro	1	4:39	4:57	5:47	8:07	8:19	8:52	9:16	9:53	11:56	12:27	12:44	12:58	16:48	17:03	18:05
	2	4:38	4:56	5:46	8:06	8:18	8:51	9:16	9:53	11:56	12:27	12:44	12:58	16:49	17:04	18:06
	3	4:37	4:55	5:45	8:06	8:17	8:50	9:15	9:52	11:56	12:26	12:44	12:57	16:49	17:04	18:06
	4	4:36	4:54	5:44	8:05	8:17	8:50	9:15	9:52	11:56	12:26	12:44	12:57	16:50	17:05	18:07
	5	4:35	4:53	5:43	8:04	8:16	8:49	9:14	9:51	11:55	12:26	12:43	12:57	16:50	17:05	18:07
	6	4:34	4:52	5:42	8:04	8:15	8:48	9:13	9:50	11:54	12:26	12:43	12:57	16:49	17:05	18:07
	7	4:32	4:51	5:41	8:02	8:14	8:48	9:12	9:50	11:54	12:26	12:43	12:57	16:50	17:05	18:08
	8	4:31	4:50	5:40	8:02	8:13	8:47	9:12	9:49	11:54	12:25	12:42	12:56	16:50	17:05	18:08
	9	4:30	4:50	5:40	8:01	8:13	8:47	9:11	9:50	11:54	12:26	12:42	12:57	16:51	17:06	18:09
	10	4:29	4:49	5:39	8:00	8:12	8:46	9:11	9:49	11:54	12:25	12:42	12:56	16:51	17:06	18:09
	11	4:28	4:48	5:38	8:00	8:11	8:46	9:10	9:48	11:54	12:25	12:42	12:56	16:51	17:06	18:09
	12	4:27	4:47	5:37	7:59	8:11	8:45	9:10	9:48	11:54	12:25	12:42	12:56	16:52	17:07	18:10
	13	4:26	4:46	5:36	7:58	8:10	8:44	9:09	9:47	11:53	12:24	12:41	12:56	16:51	17:07	18:10
	14	4:25	4:45	5:35	7:58	8:10	8:44	9:09	9:47	11:53	12:24	12:41	12:56	16:52	17:07	18:11
	15	4:24	4:44	5:34	7:57	8:09	8:43	9:08	9:46	11:52	12:24	12:41	12:56	16:52	17:07	18:11
	16	4:23	4:43	5:33	7:57	8:08	8:43	9:08	9:46	11:52	12:24	12:41	12:56	16:53	17:08	18:12
	17	4:22	4:42	5:32	7:56	8:08	8:42	9:07	9:45	11:52	12:24	12:41	12:55	16:53	17:08	18:12
	18	4:21	4:41	5:31	7:55	8:07	8:41	9:06	9:45	11:52	12:23	12:40	12:55	16:53	17:08	18:12
	19	4:20	4:40	5:30	7:54	8:06	8:41	9:06	9:44	11:52	12:23	12:40	12:55	16:54	17:09	18:13
	20	4:19	4:40	5:30	7:54	8:06	8:41	9:05	9:44	11:52	12:23	12:40	12:55	16:54	17:09	18:13
	21	4:19	4:39	5:29	7:54	8:06	8:40	9:06	9:44	11:52	12:23	12:41	12:55	16:54	17:09	18:14
	22	4:18	4:38	5:28	7:53	8:05	8:40	9:05	9:43	11:51	12:23	12:40	12:55	16:54	17:09	18:14
	23	4:17	4:37	5:27	7:53	8:04	8:39	9:05	9:43	11:51	12:23	12:40	12:55	16:55	17:10	18:15
	24	4:16	4:36	5:26	7:52	8:04	8:38	9:04	9:42	11:50	12:23	12:40	12:55	16:55	17:10	18:15
	25	4:15	4:36	5:26	7:52	8:03	8:38	9:04	9:43	11:51	12:23	12:40	12:55	16:56	17:11	18:16
	26	4:14	4:35	5:25	7:51	8:03	8:38	9:03	9:42	11:50	12:23	12:40	12:55	16:56	17:11	18:16
	27	4:13	4:34	5:24	7:50	8:02	8:37	9:03	9:42	11:51	12:23	12:40	12:55	16:56	17:11	18:17
	28	4:12	4:33	5:23	7:50	8:02	8:37	9:02	9:41	11:50	12:23	12:40	12:55	16:57	17:12	18:18
	29	4:12	4:33	5:23	7:50	8:02	8:37	9:02	9:41	11:50	12:23	12:40	12:55	16:57	17:12	18:18
	30	4:11	4:32	5:22	7:49	8:01	8:36	9:02	9:41	11:50	12:23	12:40	12:55	16:58	17:13	18:19
	31	4:10	4:31	5:21	7:48	8:00	8:36	9:01	9:40	11:50	12:22	12:40	12:55	16:58	17:13	18:19
Novembro	1	4:09	4:31	5:21	7:48	8:00	8:36	9:01	9:41	11:51	12:23	12:40	12:55	16:59	17:14	18:20
	2	4:08	4:30	5:20	7:47	7:59	8:35	9:00	9:40	11:50	12:22	12:40	12:55	16:59	17:14	18:20
	3	4:08	4:29	5:19	7:48	7:59	8:34	9:00	9:40	11:50	12:23	12:40	12:55	16:59	17:15	18:21
	4	4:07	4:29	5:19	7:47	7:59	8:35	9:00	9:40	11:50	12:23	12:40	12:56	17:00	17:15	18:22
	5	4:06	4:28	5:18	7:46	7:58	8:34	9:00	9:39	11:50	12:23	12:40	12:55	17:00	17:15	18:22
	6	4:06	4:28	5:18	7:46	7:58	8:34	9:00	9:40	11:51	12:23	12:40	12:56	17:01	17:16	18:23
	7	4:05	4:27	5:17	7:46	7:58	8:34	8:59	9:39	11:50	12:23	12:40	12:56	17:01	17:16	18:23
	8	4:04	4:27	5:17	7:45	7:57	8:34	8:59	9:39	11:50	12:23	12:40	12:56	17:02	17:17	18:24
	9	4:04	4:26	5:16	7:46	7:57	8:33	8:59	9:39	11:50	12:23	12:41	12:56	17:03	17:18	18:25
	10	4:03	4:26	5:16	7:45	7:56	8:33	8:59	9:39	11:50	12:23	12:40	12:56	17:03	17:18	18:25
	11	4:02	4:25	5:15	7:44	7:56	8:33	8:58	9:39	11:51	12:23	12:41	12:56	17:04	17:18	18:26
	12	4:02	4:25	5:15	7:45	7:56	8:33	8:59	9:39	11:51	12:24	12:41	12:57	17:04	17:19	18:27
	13	4:01	4:24	5:14	7:44	7:56	8:32	8:58	9:38	11:50	12:24	12:41	12:57	17:04	17:19	18:27
	14	4:01	4:24	5:14	7:44	7:56	8:32	8:58	9:39	11:51	12:24	12:41	12:57	17:05	17:20	18:28
	15	4:00	4:24	5:14	7:44	7:55	8:33	8:58	9:39	11:52	12:25	12:42	12:58	17:06	17:21	18:29
	16	4:00	4:23	5:13	7:44	7:55	8:32	8:58	9:38	11:51	12:24	12:42	12:57	17:06	17:21	18:29



“Orgulhoso”

CHAYIM WALDER

Meu nome é Shemuel.

Todos me chamam de Shmulik.

Sou um menino esperto! Assim ouvi a mamãe dizer ao papai em voz baixa, para que eu não ouvisse. Eles não me dizem isso, para que eu não me orgulhe – mas eu sei disso, sei muito bem.

Toda manhã eu abro o jornal e leio sobre todas as coisas que acontecem no mundo e pergunto ao meu pai um monte de perguntas. Às vezes ele se diverte, às vezes ele se surpreende e diz que eu faço perguntas de adulto e, às vezes... ele não sabe responder.

Eu gosto de mostrar às pessoas o quanto sei. Mesmo quando a pergunta não foi feita diretamente para mim, sempre tenho uma boa resposta. Mamãe diz que isso não é bonito, que é “ vaidade”.

Muitas vezes faço uma pergunta difícil e, depois que todos demonstram que não sabem responder, eu respondo!

Gosto de conversar com meus amigos de classe sobre as notas que cada um tirou nas

provas. Quase sempre venço na comparação das notas.

Não é raro eu corrigir meus amigos. E, pior, às vezes corrijo o professor...

Não sei por que faço tudo isso. Eu simplesmente gosto de que as pessoas me notem, sorrissem para mim e digam que sou inteligente.

Na classe, sou o melhor aluno. Toda vez que o professor faz uma pergunta eu levanto a mão.

Quando as outras crianças têm dificuldade em alguma matéria, elas vêm me pedir ajuda. Eu sempre as ajudo.

Certa vez, o professor me perguntou, na sala de professores, se eu ajudo meus colegas simplesmente porque gosto de ajudar ou porque desejo mostrar a todos o quanto sei. Fiquei vermelho e não me senti à vontade. Eu não gosto que me façam perguntas desse tipo.

Às vezes, sinto que as crianças não gostam tanto de mim. Não sei por quê – afinal, sou tão aplicado e tento sempre ajudar o próximo!

Talvez elas tenham inveja...

Mas Avraham também é muito aplicado, e a ele não invejam. Qual é a diferença entre nós?

Será que eu tenho que ficar quieto durante a aula, mesmo quando sei as respostas, para não me gabar?

Mas isso é difícil para mim. Eu até já tentei.

Me parece que todas as crianças olham para mim e querem ser iguais a mim.

Mas a verdade é que eu sou bem solitário por enquanto.

Tradução de Guila Koschland Wajnryt

Permissões exclusivas para a NASCENTE

Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",
baseado em cartas recebidas de crianças.



HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim
Imperdíveis!

Garanta
já os
seus!

Telefone: 94168-5077

Atualize seu e-mail para
receber os **informativos da**
Congregação Mekor Haim



Envie uma mensagem para:
revista_nascente@hotmail.com



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l

Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Ester Ides bat Israel Chaim z"l

Renée Khafif bat Emily z"l

Shlime bat Feigue z"l



UM DOCE ANO!

O **Ano Novo Judaico** chegou e com ele o anseio pela renovação da esperança e surpresas que este novo período reserva. O Sacolão espera continuar levando os melhores alimentos para a sua mesa, contribuindo para que o seu **Rosh Hashaná** seja ainda mais especial. Desejamos a toda a comunidade judaica um feliz e **próspero Ano Novo!**



EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA



RUA DONA VERIDIANA, 158/162
HIGIENÓPOLIS ☎3331-4672

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
SEGUNDA A SÁBADO: DAS 7H ÀS 21H.
DOMINGOS E FERIADOS: DAS 8H ÀS 20H.

  /SACOLAO.HIGIENOPOLIS



Bem-estar para sua família

As famílias Cohab e Douer
desejam Shana Tová para toda a comunidade!



 **Bank Cainvest**

www.cainvest.com